

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Humanidades

Curso: História

**A EDUCAÇÃO NO PLURAL: LINGUAGENS E
RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Verônica de Lourdes de Brito Moura

**Campina Grande
2004**

Verônica de Lourdes de Brito Moura

A EDUCAÇÃO NO PLURAL: LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Monografia para a obtenção do título de licenciado em História apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do professor Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa.

Campina Grande
2004

Verônica de Lourdes de Brito Moura

MEMBROS DA COMISSÃO

ORIENTADOR

MEMBRO

MEMBRO

APROVADO EM:

Nota:

CAMPINA GRANDE- PB
2004



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1: UMA TRAJETÓRIA MARCADA POR METODOLOGIAS E RECURSOS DIDÁTICOS	04
Capítulo 2: OS LUGARES DAS LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO: UM DIÁLOGO COM A LITERATURA	15
Capítulo 3: LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS: DOS PCNs À ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE JOÃO PESSOA	25
Considerações finais.....	40
Bibliografia.....	45
Anexos.....	46

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu todas as potencialidades para que eu chegasse aonde chegue; sem Ele em minha vida, eu nada seria.

Aos meus pais e irmãos pela ajuda, pelo apoio e credibilidade que depositaram em mim. Estiveram sempre prontos a me dar à mão em todos os sentidos.

Aos meus filhos Elton e Eliide que são tudo na minha vida. Todo este sacrifício que passei para enfrentar e vencer esta jornada, foi por eles. Por eles, eu desafio o mundo. Quero agradecê-los por estarem ao meu lado nos momentos de alegria e também nos momentos difíceis, me encorajando, me confortando com carinho, compreensão, e uma vibração tamanha quando eu chegava para eles contando as minhas vitórias.

Ao esposo Larry, pela compreensão, paciência e ajuda indispensáveis para que eu pudesse enfrentar as dificuldades que me apareceram e que não foram poucas, mas enfim, venci.

A minha sogra, cunhada, sobrinhos(as) que direta ou indiretamente ajudaram a me fortalecer nesta caminhada em busca desta conquista.

As minhas colegas que, estando no mesmo barco, me deram o maior incentivo para que eu remasse contra as marés e chegasse a minha praia. Foram todas de grande importância para que eu chegasse hoje onde cheguei, realizando este meu ideal. Guardarei todas na lembrança: Cida, Gracinha, Luciana, Maísa, Valéria, Herry, Marilda, Adriana, Rosimary, Dora.

Aos meus colegas de profissão pela colaboração para a realização deste trabalho de conclusão de curso, bem como aos alunos que também colaboraram junto com os colegas professores, quando responderam ao questionário, fazendo com que eu pudesse realizar a minha pesquisa e a colaboração da diretora Rosa.

Às minhas amigas Adélia, Francisquinha, Dolores, Eloísa, Karla Tathiana, Rosinalva pelas palavras de carinho e incentivo, que me soaram como alento nas horas difíceis.

Aos meus queridos professores os quais foram as chamas que iluminaram os caminhos trilhados nesta cavalgada. Muitos, para ara além de professores, se tornaram sinceros amigos, dando-me apoio moral e compreensão. A vocês, meu muito obrigado, jamais sairão da minha lembrança pois são pessoas especiais para

mim: Durval, Nilda, Fábio, Celso, Sandra, Rosilene, Marithiça, Kátia, Luciano, Fernanda, Benjamin, Alarcon.

Ao meu orientador da monografia, professor Fábio Gutemberg, pela disciplina, esmero, dedicação e infinita paciência que teve para comigo. És especial, exemplo de honestidade, disciplina, capacidade e outras qualidades que meu vocabulário não alcança expressar. Pessoa de grande valor, o professor-amigo que todo aluno desejaria ter, obrigado professor pela ajuda nos momentos de glórias e nos momentos de queda, não deixando que eu baixasse a cabeça, mas que a erguesse e prosseguisse na realização desta minha conquista, no realizar deste meu grande sonho que se tornou realidade. Mais uma vez, muito obrigado. És um exemplo a ser seguido.

Quero deixar aqui um agradecimento especial ao meu grande amigo e professor Durval Muniz, aquele que me fez acreditar que eu era importante, que me fez crer nas minhas possibilidades apesar de estar na faculdade com meus 34 anos de idade. Durval foi uma grande luz no meu caminho; jamais esquecerei o apoio, o carinho, a mão amiga que me estendestes nesta minha trajetória. Palavras são poucas para expressar a pessoa que és. Muito obrigado por tudo!

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo 1: UMA TRAJETÓRIA MARCADA POR METODOLOGIAS E RECURSOS DIDÁTICOS	09
Capítulo 2: OS LUGARES DAS LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO: UM DIÁLOGO COM A LITERATURA	20
Capítulo 3: LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS: DOS PCNs À ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE JOÃO PESSOA	30
Considerações finais	44
Referências bibliográficas	49
Anexos	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma preocupação que sempre tive sobre uma concepção tão comum entre os alunos a quem já ensinei e que ensino, de achar História uma matéria chata e cansativa, vendo nela só aspectos negativos.

Isto sempre me preocupou, me fez indagar onde estaria o erro, a lacuna, o que faltava para que estes alunos mudassem sua atitude frente a esta matéria e, porque não dizer, ao estudo em geral, pois percebe-se que os alunos em sala de aula estão sempre inquietos, desmotivados. Esta é uma observação que os meus colegas professores de história fazem, mas a desmotivação se dá também nas outras disciplinas e matérias.

A partir do momento em que entrei na universidade no curso de História, obtive respostas para algumas indagações. Pude perceber que uma das causas desta aversão aos estudos e à disciplina História é o fato de o ensino ter se pautado num estilo tradicional, monótono e sem maiores questionamentos e problematizações.

No Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande (ex-Campus II da UFPB), ao cursar algumas disciplinas tive a alegria de compreender e ver que há para o ensino de História um leque de possibilidades para trabalhar os conteúdos em sala de aula, o que pode levar a que aulas antes consideradas chatas possam ser modificadas e passem a ser vistas como interessantes, motivadoras, havendo uma maior interação entre o livro didático, o(a) professor(a), o(a) aluno(a) e o seu cotidiano. Possibilidades como a poesia, a música, a literatura, as manifestações artísticas, etc. são caminhos que a disciplina abraça, como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino hoje, não só de História bem como para outras disciplinas.

Pensando nesses problemas e possibilidades, direcionei meu estudo para a escola em que trabalho,¹ onde procuro compreender quais os critérios estabelecidos pelos meus colegas para lidar com os vários recursos e linguagens em sala de aula, recursos tão propagados pelos PCNs, no sentido de, entre outras questões, melhorar o desempenho do professor bem como o do alunado, atentando também para os aspectos positivos e para os problemas que o seu uso implica.

¹ Ver algumas informações básicas sobre a escola em anexo.

Portanto, a preocupação central desta monografia é compreender como os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente João Pessoa usam os diferentes recursos didáticos e linguagens na sua prática pedagógica e quais os critérios por eles utilizados para o uso desses materiais e recursos; isto é feito à luz da discussão das diferentes propostas de especialistas e instituições de ensino sobre o tema.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Uma trajetória marcada por metodologias e recursos didáticos”, faço um relato da minha trajetória como aluna e profissional desde o momento que iniciei os meus estudos, os problemas e dificuldades que enfrentei e como a escola lidava à época e lida hoje com os diferentes recursos didáticos. Relato minhas experiências em sala de aula, chamando a atenção para os seguintes aspectos: como eu trabalhava e como trabalho hoje com alguns desses recursos e linguagens, a receptividade dos alunos diante das práticas que introduzia à medida em que cursava algumas disciplinas no curso de História, que foram de grande alicerce para mim. Vale salientar que alguns professores foram de suma importância para que me tornasse a profissional que sou hoje, que não está isenta de erros, mas que já acumulou vários acertos.

No segundo capítulo, “Os lugares das linguagens e recursos didáticos no ensino: um diálogo com a literatura”, faço um breve histórico do uso desses vários recursos e linguagens no ensino no Brasil. Nessa incursão percebi que os projetos para tais empreendimentos já eram pensados e experimentados desde a década de 1950, ou por que não dizer, já se concebia algumas dessas práticas há milênios, embora de maneiras e com significados diferentes dos dias atuais. Afirmo isto baseado na bibliografia que utilizei.² No entanto, o uso desses recursos e linguagens, no Brasil, se projetou de maneira mais consistente especialmente a partir da década de 1980.

Procurei mostrar também neste capítulo, a partir do diálogo com a bibliografia, os vários usos destes recursos e linguagens que as escolas brasileiras vêm fazendo no intuito de melhorar o desempenho da educação frente às mudanças culturais e tecnológicas que vivenciamos hoje e que não podem ser ignoradas. Para isto, me apoiei em diferentes leituras, como revistas voltadas para a educação, livros e

² Ver discussão da bibliografia no capítulo 2 e referências bibliográficas ao final.

jornais publicados pelo MEC, os PCNs e outras obras e livros que aparecerão ao longo do trabalho.

No terceiro capítulo, “Linguagens e recursos didáticos: dos PCNs à Escola Estadual Presidente João Pessoa”, analiso a pesquisa feita através de um questionário que apliquei com alguns professores da referida escola, buscando compreender se e como estão usando as várias modalidades de recursos e linguagens na sua prática em sala de aula; como vêem a experiência com esses recursos tanto do ponto de vista de melhoria profissional, quanto do ponto de vista da resposta dos alunos; ou se percebem algumas mudanças ou não a partir da introdução destas práticas. Para ampliar a análise a pesquisa foi também realizada com alguns alunos do 3º ano do ensino médio, com objetivo de compreender a sua percepção sobre o trabalho dos professores nas atividades na sala de aula, especialmente sobre o uso dessas linguagens e recursos didáticos.

CAPÍTULO 1: UMA TRAJETÓRIA MARCADA POR METODOLOGIAS E RECURSOS DIDÁTICOS

Busco neste capítulo fazer um breve relato da minha vida estudantil e pessoal, desde criança, quando sentei pela primeira vez no banco de uma escola tendo como eixo os métodos de ensino utilizados, até a fase adulta, sentando desta vez em cadeiras das salas de aula de uma universidade; num segundo momento conto um pouco sobre a minha experiência como professora do ensino fundamental, 2ª fase, bem como os métodos e os recursos didáticos por mim utilizados; por fim, discorro sobre a minha experiência maior, quando me tornei estudante do Curso de História na Universidade Federal de Campina Grande, na qual me encontro hoje, e as mudanças que a partir daí fizeram-se importantes na melhora do meu desempenho como professora e por que não dizer, na minha vida como pessoa.

Eu tinha sete anos de idade completos quando fui matriculada pela primeira vez em uma escola, já sabia ler, escrever e fazer as quatro operações. Tanto a idade, sete anos, como saber ler e fazer as quatro operações matemáticas eram pré-requisitos exigidos para cursar a primeira série, ou seja, entrar na escola. Para isto, minha mãe e meu pai ensinavam-me em casa e seis meses antes de entrar na escola me colocaram numa escolinha de reforço para que ficasse mais apta a entrar na primeira série. Foi com muito sacrifício que meus pais proporcionaram os estudos a mim e aos meus irmãos. A minha mãe, diante das dificuldades, fez a minha saia da farda bem comprida para poder durar os quatro anos, pois ela não tinha condições de fazer uma farda nova a cada ano. O meu material escolar era do mais simples, o que não impedia que aprendesse tanto quanto os outros colegas de maiores posses.

A metodologia empregada pelos professores primários era num estilo estritamente tradicional, com uma rígida disciplina; havia fila de alunos para poder entrar na sala de aula, o que ocorria após fazer as orações do Pai-nosso e do Santo Anjo. O mesmo ritual era feito ao término das aulas.

Os professores utilizavam como únicos recursos para dar aula a livro didático e o quadro de giz. A tabuada tinha que ser decorada, bem como a leitura pedida todos os dias em sala de aula tinha como objetivo ler corretamente, sem tropeços, obedecendo aos sinais de pontuação. Não havia uma preocupação como hoje, de entendimento do texto, nenhuma problematização ou exploração mais profunda do

mesmo. Se a leitura não fosse feita corretamente, bem como se a tabuada não fosse decorada na ponta da língua, ficávamos de castigo, que era do tipo ficar sem recreio, ou ficar de pé de costas para os colegas, etc. A escrita também recebia punição se não fosse correta. Cada palavra escrita errada teria que ser reescrita dez, vinte vezes para jamais esquecermos como escrevê-la.

A disciplina religião era indispensável e os ensinamentos baseados no catolicismo, mesmo que houvesse na sala alunos de outras religiões. Esta prática, hoje, de privilegiar uma religião em detrimento de outras já não é mais aceita. Concebe-se que se fale nos princípios da fé de modo geral, mas respeitando todas as outras práticas de fé, embora ainda haja professores que persistam em seguir o velho hábito de antes do início de uma aula fazer orações como Pai-nosso, Ave-Maria, etc.

Para estudar o ginásio, da 5ª a 8ª série, foi preciso enfrentar com garra o grande obstáculo que nos colocava a época de inverno. Por causa da distância da minha casa ao colégio não tínhamos outra saída a não ser atravessar um riacho que botava cheia violenta, animais mortos passavam por nós, árvores caídas, etc. atravessávamos segurando uma corda que se fazia presa pelas mão de homens que ficavam distribuídos numa e noutra margem do riacho. Com força de vontade, desejo de estudar, venci este obstáculo.

As aulas também eram dadas no estilo tradicional, na base da decoreba, principalmente nas disciplinas de geografia, história, biologia, educação moral e cívica, OSPB. Os recursos por eles utilizados eram o livro didático e o quadro de giz. O livro didático era tido como o dono da verdade e do saber que não se discutia, não havia a utilização de outros materiais ou recursos didáticos. Ao término das aulas de história era passado para nós um questionário que variava de vinte a cinquenta perguntas com as respectivas respostas das questões da prova, que teriam que ser respondidas tal qual estava no questionário. Não sentíamos entusiasmo, desejo de assistir as aulas de história e outras matérias, pois víamos apenas a cobrança de prestar conta do assunto que nos era passado, sem uma contextualização, sem uma ligação com questões por nós vivenciadas no cotidiano, sem o uso de outros meios e linguagens que inovassem as aulas.

Lembro que as aulas que a turma mais gostava de assistir eram de educação artística, provavelmente pelo fato de não haver pressão de assimilação de conteúdos, cobrança através de notas e porque ficávamos à vontade para aprender

vários trabalhos manuais trazidos pela professora, e podíamos trazer para as aulas qualquer trabalho que por acaso tivéssemos começado em casa que nos despertasse o desejo de fazer, além do que era passada a importância desta aprendizagem como serventia para a nossa vida em sociedade e até para obtermos algum rendimento extra decorrente do fruto do nosso trabalho. Temos aí algo que vejo como muito importante, que é o ensinar a partir da interação com o social, imbuído de significados para o aluno.

Nas aulas de educação artística eram mostradas as várias possibilidades de aprendizagem em sala de aula. O abstrato, o memorizar, não se fazia importante como nas aulas das demais disciplinas, apesar de que nessa época já existiam os vários recursos e linguagens que podiam ser levados a dinamizar, inovar as aulas, como: jornais, revistas, fotografia, a TV, o rádio, etc.

As aulas eram fiadas no pressuposto dos códigos emissor-receptor e mensagem. O importante era o compromisso cumprido e ter sido transmitida; não havia uma preocupação maior com a educação, com o aluno, ditavam-se as regras e estas teriam que ser obedecidas.

A semana da pátria era reverenciada com todos os alunos de pé cantando os hinos nacional, da bandeira e do soldado, todos os dias na sala de aula antes desta começar. Depois de cantar, a aula começava sem maiores questionamentos, esclarecimentos. Desta forma, eram passados para nós valores como moral, civismo, amor à Pátria, respeito às instituições. Hoje ou não sei se o colégio em que estudei em Aroeiras, mantém este ritual, mas na escola onde trabalho tal prática é vivenciada, porém os alunos não querem participar. O fato é que eles não vêem sentido maior nisto. Penso que esta recusa deve-se à falta de um intercâmbio maior entre o que se deve ensinar e como ensinar, com o fazer para que o aluno sinta-se parte integrante deste composto que é o saber; é como se eles se sentissem soltos, estão ali só por estar, estudar quase como um ritual de obrigação, da mesma forma como é imprescindível o dormir, o acordar, etc, ou seja, aquela mecanização sem uma busca de maior aproveitamento como pessoa, como ser humano, como seres ativos e não passivos diante do que se aprende, do que é vivido.

Ao terminar o primeiro grau tive que enfrentar o mundo lá fora, longe da minha família, em plena adolescência, pois em Aroeiras (onde morava) não havia o 2º grau. Então fui estudar em Bom Jardim (PE) no Colégio Sant'Ana das freiras beneditinas, cujo curso oferecido era o normal (pedagógico ou magistério). Para

garantir o direito de ficar interna e me alimentar, bem como estudar, prestava serviços como lavar, passar, varrer, cozinhar, etc.; sofri muito, vivíamos sob uma disciplina rígida. Eu era muito nova, era a primeira vez que havia saído de casa, mas algo mais forte me alimentava que eu não pensava em parar de estudar e eu ia resistindo aos espinhos. Meu pai, nas vezes que ia me visitar, saia chorando disfarçadamente para não me deixar mais triste, só que eu percebia. Fiquei neste colégio um ano.

Quanto ao estilo das aulas e a didática empregada, não havia um desdobramento maior em torno de uma prática educativa que nos estimulasse, que priorizasse o nosso mundinho infantil, pelo menos em teoria, uma vez que a prática seria no 3º ano, só que ao cursar o 3º ano, continuávamos a ver muita teoria, o que vivenciamos de diferente foi a aula de didática da matemática, na qual confeccionávamos um tipo de dominó educativo, cartazes com os algarismos em formas diversas como o número dois, que era um pato, o oito, um gato, etc. Em didática da língua portuguesa aprendíamos algumas músicas para serem usadas na recreação, confeccionamos o alfabeto ilustrado a título de a criança memorizar melhor as letras, dominó com sílabas, etc, mas não se via uma preocupação em ir de encontro ao mundo da criança, de trabalhar suas potencialidades e individualidades.

Após um ano, fui morar com meus tios em Curitiba (PR); lá fiz um teste e passei a estudar no Instituto de Educação do Paraná (IEP), onde estudei por dois anos o magistério. Senti muitas dificuldades porque o IEP preparava para o vestibular. Vale salientar que mesmo tendo sido aprovada no teste, resolvi repetir o primeiro ano novamente a conselho da direção da escola pelo fato de o curso de Curitiba dispor de matérias que eu não havia visto no primeiro ano em Bom Jardim. Apesar das dificuldades, não fui reprovada nenhum ano.

Os recursos didáticos utilizados pelos professores eram diferentes, não obedeciam ao estilo meramente tradicional. No IEP nós não vivenciamos um ensino restrito a sala de aula ou reportado apenas ao livro didático. Apesar de não ser contextualizado nem problematizado, tínhamos aulas de campo.

As professoras de geografia e história usavam mapas nas suas aulas, já divididos para localizarmos a título de memorização. Não havia um debate maior, uma interligação com as outras matérias, os conteúdos eram específicos de cada matéria. Em história fazíamos aula de campo, visitávamos museus, víamos slides

com o objetivo de proporcionar debates e despertar o pensamento crítico; havia uma diversificação, as aulas não ficavam restritas a quatro paredes, estendia seus domínios para a vida extra-classe.

O livro didático não era o único suporte a despertar o interesse da criança para a leitura, a criatividade; fazíamos teatrinhos com fantoches, tudo para estimular a participação da criança. Confeccionamos álbuns de estórias para despertar o gosto pela leitura, e nesta questão da leitura, do pronunciar corretamente as sílabas, a professora de didática da linguagem quase me reprova por eu ter dificuldades de pronunciar o r com som de rê. Como em Bom Jardim, também aprendíamos músicas recreativas e estagiávamos em outras escolas. Em Curitiba só observava a sala de aula e ajudava a professora titular em sala e na recreação. Em Bom Jardim, para onde voltei para cursar o 3º ano é que estagiei umas semanas em sala de aula. Em Curitiba isto era feito apenas no 3º ano.

Após dois anos em Curitiba, voltei para casa com uma tia minha que foi passear no Rio de Janeiro. Então o 3º ano magistério fiz no colégio Sant'Ana em Bom Jardim, só que não mais como aluna interna e sim externa. Fiquei na casa de um tio que morava em Umbuzeiro (cidade em que moro hoje); ia e vinha todos os dias no ônibus que fazia a linha Umbuzeiro -Recife e passava dentro da cidade de Bom Jardim.

A metodologia dos professores continuava a mesma, a sala de aula, o quadro de giz eram os recursos mais utilizados. Havia estágios em várias escolas e nós preparávamos o assunto que estava programado pelo professor titular das escolas em que íamos praticar nossa primeira experiência como professora. Levávamos nosso caderno de recreação com as músicas ou cantigas infantis para usarmos como o alfabeto ilustrado, as sílabas em peças para serem unidas; se fôssemos sorteadas e pegássemos a segunda, terceira e quarta séries não havia outro material, não usávamos outras linguagens.

Concluído o curso do magistério prestei vestibular e passei para letras na UFPB, em Campina Grande, em 1982. Assim que comecei a estudar consegui um contrato no estado para ensinar História no Colégio Estadual de 1º grau de Aroeiras. Ensinava da 5ª a 8ª séries; hoje já tenho vinte e um anos de magistério no estado. Apesar de na época cursar letras, a vaga disponível que tinha no colégio era para História. Assim, eu procurei desempenhar meu ofício da melhor maneira possível com a visão que tinha do ensinar, num estilo tradicional assim como havia

aprendido e como via meus colegas ensinando, debulhando tudo o que havia no livro didático sem questionamentos, sem buscar outras fontes, pois o que estava no livro não era nada mais do que o certo, a verdade. O quadro de giz era o mediador, onde após ter falado aos alunos tudo o que o livro dizia, passava um questionário para eles copiarem e estudarem para a prova; as respostas do questionário teriam que ser tal qual estava escrito no livro. A decoreba era o suporte do aprendizado, o aluno era um ser passivo nesta situação, não havia a preocupação com debates, dúvidas, problemas, contextualizações, busca de fontes várias que também produzem conhecimento, não se buscava dinamizar as aulas com o uso de outros recursos e linguagens, portanto, os alunos viam-nas como cansativas, chatas, ou seja, não percebiam um real significado naquilo tudo, pois nada era associado ao seu cotidiano, à sua vivência.

Após um ano ensinando em Aroeiras, casei e fui transferida para a escola onde hoje trabalho em Umbuzeiro e comigo também veio a mesma metodologia empregada em Aroeiras e a insatisfação dos alunos continuava, não pela minha pessoa, mas pelas aulas, e eu como míope diante desta realidade não percebia as novas possibilidades de se ensinar. Apesar da insatisfação dos alunos este método estritamente tradicional foi utilizado por mim até o momento que comecei a cursar História na UFCG, quando me tornei professora-estudante, vivendo uma outra situação, já casada, com filhos e trabalhando. Toda esta situação ocorreu porque não cheguei a concluir o curso de letras, pois quando casei que vim morar em Umbuzeiro, dificuldades várias surgiram para não continuar estudando e terminei abandonando o curso, o que me deixou profundamente triste; fez-se um enorme vazio dentro de mim. Eu sentia o cheiro de livros novos nos meus sonhos e estes foram prenúncios de uma realidade na qual vivo hoje. Esta realidade se fez porque o governo federal exigiu que até 2006 todo o professor do ensino fundamental e médio tenha o curso superior completo. Então me submeti a um novo vestibular para ter direito de continuar em sala de aula. Desta forma, foi feito um convênio entre o governo estadual e a UFCG. Foi feito para nós um vestibular específico e passei em segundo lugar para o curso de História, o que foi uma bênção na minha vida, me sinto muito feliz por estar vivendo este momento tão especial.

Apesar das dificuldades que são várias, de obstáculos que surgem, permaneci de pé nos tropeços, pois a minha força de vontade é também maior do que os contratemplos, luto com as forças que tenho e que busco para concluir este

curso. Gostaria de não mais parar de me aperfeiçoar, de estudar mais, mas só o tempo dirá até onde a minha história irá. O importante é que estou a cada dia me aperfeiçoando profissional e pessoalmente, tem sido uma experiência tamanha para mim.

Ao chegar à universidade me deparei com um universo amplo de conhecimento. Senti muitas dificuldades no início, mas fui aos poucos aprendendo a viver este mundo novo; fazer fichamentos, resenhas, resumo crítico, perceber as leituras como pensamento que são construídos e me acostumar com a carga de leitura, que não é pequena, foi um desafio. Meus horizontes de perceber que o conteúdo a ser dado ao aluno é importante, mas a sala de aula, o livro e o quadro de giz não são as únicas possibilidades de levar ao aluno o saber; que as aulas de história vistas como chatas poderiam ganhar outros sentidos; que nelas os alunos estariam participando juntamente com o professor numa troca de experiência; que o saber científico, o conteúdo por eles aprendido não poderia ser dissociado da sua experiência, que há várias possibilidades de trabalhar os assuntos com os alunos, vários recursos didáticos que possibilitam inovar as aulas, não só de História como de Português, Matemática, etc, possibilidades de fazer o aluno desenvolver seu raciocínio, de colocar suas questões, etc, tornando o estudar e o aprender mais rico de significados, com aulas muito mais enriquecedoras em se tratando do próprio conteúdo e da prática pedagógica.

Esta nova visão que tenho hoje jamais teria se não estivesse cursando História na UFCG. Este universo propiciou-me conhecer o “novo” no sentido de inovador da prática pedagógica, o uso dos vários recursos de linguagem hoje tão divulgados, testados e aprovados por experiências de ensino, pelo MEC, sugeridos pelos parâmetros curriculares, em textos acadêmicos, livros que analisam e discutem a educação, etc.

Toda esta bagagem de conhecimentos foi-nos passada na UFCG por professores preocupados com a aprendizagem do aluno. Professores como Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Alarcon Agra do Ó, Eronides Câmara Araújo e Fábio Gutemberg Ramos, que possibilitaram-nos vivenciar a prática deste “novo” na sala de aula quando nas aulas de Paraíba e Brasil chegavam com documentos de época, fotografias dos livros didáticos que eram analisadas e contextualizadas, problematizadas, seminários com músicas, vídeo, etc.

Assim como Alarcon, Durval e Nilda, o professor Fábio mostrou como devemos ler; ler para tirarmos do que foi lido algo de novo, ler para conhecer, compreender, criar; todos sempre mostrando as possibilidades de diálogo entre o saber acadêmico e o universo da sala de aula, com o cotidiano do aluno e o que o cerca, um mundo da experiência e contato com as novas tecnologias que são vivenciados no seu dia-a-dia, como a música, dança, teatro, vídeo, TV, fotografia, computador, etc. Por isso percebe-se que nos dias de hoje é impossível ignorá-los, mas devemos com eles nos relacionarmos não como se estivéssemos a serviço destes condicionamentos tecnológicos, mas concatenando-os com os diferentes objetivos do ensino hoje, utilizando-os como ferramentas para uma melhor aprendizagem, motivadora, que desperte o gosto do querer aprender para exercer a cidadania, de se perceber como sujeitos de sua própria história.

Não se trata de substituir o quadro de giz, o livro didático, mas de juntar estes outros ingredientes capazes de contribuir para o conhecimento e atuação do estudante na sua vida pessoal e profissional.

Portanto, levei esta experiência da universidade para a sala de aula e confesso que há mais pontos positivos do que negativos. Os alunos ficam mais empolgados com as aulas, espontaneamente surgem perguntas, provoca-se debates de opiniões, da sua experiência de vida, não vêem a aprendizagem como algo fora do seu mundo. Eles ficam bem mais informados e trazem para nós informações também. Os conteúdos a serem dados são contextualizados, problematizados, articulados com o seu cotidiano; são levados a ouvir o noticiário e discutir em sala de aula, a trazer recortes de revistas para fazermos uma ponte do hoje com o ontem.

A música é trabalhada na sua importância cultural que perpassa as várias épocas da História, mostrando que esta se faz mediante a ação de todos, que não é construída pelos grandes homens, mas por cada um de nós. Os vários usos de linguagens que já experienciei em sala de aula foram: fotografias, charges, poesia, música, todas presentes no livro didático, mas que muitas vezes não são exploradas por ele. Faço com eles uma leitura, debatemos, abro espaço para suas colocações, opiniões. Em seguida, distribuo para eles a letra de uma música que é lida, comentada e depois cantada por todos. Depois nós vamos novamente ao espaço do debate, da percepção do ontem e do hoje.

Uma música que já levei para a sala de aula, dentre outras, e que fala sobre a questão do trabalho é "Cidadão" de Lúcio Barbosa, cantada por Zé Ramalho. Como é uma música conhecida, todos participam na hora de cantar, até mesmo os mais tímidos vão se empolgando e cantam também. Várias outras questões além do trabalho podem nesta aula ser colocadas e comentadas, como a questão da cultura popular brasileira e a contribuição do negro. A questão do trabalho hoje do homem e da mulher neste espaço, etc. a aula flui de uma forma que os alunos nem percebem e nem reclamam.

Como a avaliação é contínua, fica fácil de fazer, uma vez que os alunos se mostram e exteriorizam o que realmente compreenderam e é possível avaliar tanto oralmente quanto na forma escrita. Esta experiência é importante e tem resultados em qualquer série. Vale salientar que nem para todas as aulas se leva estes meios de linguagens para não correr o risco de se tornar enfadonho, cair na mesmice. É preciso uma metodologia preparatória para que os alunos não levem as aulas só na moleza.

É preciso que o professor use de sua competência para utilizar estes recursos de uma maneira cuidadosa, seletiva, para que contribua para o melhor aproveitamento da capacidade intelectual do aluno, desenvolvendo seu pensamento crítico, reflexivo frente ao mundo que o rodeia. O saber torna-se assim significativo e produtivo. Vejo estes recursos de linguagens como âncoras que ajudam a fixar na mente do aluno tudo o que é trabalhado em sala de aula. O saber não fica preso a abstração do ouvir, mas do interagir com outras questões e situações concretas da vivência de cada um.

Um outro exemplo é esta questão dos sem-terras, pode-se fazer uma ponte com as capitâneas hereditárias, como uma das heranças do Brasil colonial; levar reportagens que tratam do assunto para que o entendimento do aluno frente ao que mostra a TV seja permeado de outras razões que não seja apenas o entretenimento.

Desta forma, conhece-se o porquê de se estudar história, que o passado não pode ser desprezado para vivenciar apenas o presente, até porque este presente não é inacabado. Vive-se nele esperando também pelo futuro. O aprender história nestes moldes faz o aluno viver de olhos mais abertos, de forma participativa e crítica das coisas que vê, ouve e lê.

Como falei no início deste memorial, nem tudo são flores, há as dificuldades, os pontos negativos diante deste trabalho a ser realizado com e para os alunos.

Apesar de todo um trabalho divulgado pelo sistema educacional brasileiro hoje, nem todas as escolas vivenciam esta inovação no ensino, ou pelo descaso de alguns governantes que não investem na melhoria do espaço físico, ou pelo descaso de alguns profissionais, o desinteresse pelo fato do salário que ganha não compensar uma maior dedicação à profissão, ou pelo fato de por ganhar tão pouco, ser preciso ensinar os três expedientes em escolas diferentes e não dispor de tempo para tal dedicação.

Na minha experiência, os pontos negativos que mais dificultam o trabalho destes recursos em sala de aula na escola onde trabalho é o horário, que é inadequado para isto, pois, por exemplo, eu tenho a primeira aula numa turma e a segunda aula desta turma neste mesmo dia só ocorre no quarto horário. Fica um trabalho fragmentado, há até uma quebra de interesse do aluno.

Outra questão negativa é que a escola tem um Microsystem, mas é guardado a sete chaves na diretoria para ser usado apenas para ensaios folclóricos, como quadrilhas e apresentações de danças populares no dia do folclore. Portanto, com não possuo este aparelho sonoro, nossas aulas são vivenciadas com o som de nossas vozes, entoadas ou não.

Percebo que a minha escola ainda não está preparada até mesmo para aceitar o uso destas novas práticas educativas, não perceberam ainda a sua importância, acho que porque se trata de uma escola do interior onde as inovações não chegam com facilidade. Um exemplo disto é que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) foram trabalhados em várias escolas de Campina Grande e cidades circunvizinhas frente a sua aplicabilidade em sala de aula, a questão da interdisciplinaridade, do uso dos vários recursos e linguagens como possibilidades de enriquecer a educação do aluno, etc, e na escola de Umbuzeiro isto ainda não ocorreu. Chegaram apenas os livros dos PCNS e estes ficaram guardados na biblioteca, não veio uma equipe preparada para passar para nós tudo isto.

Mais uma vez, graças ao estímulo de alguns professores de história, interessei-me em buscar este material e me inteirar sobre ele. Pelo que já observei na escola em que trabalho só uma professora, a de Inglês, é que diversifica suas aulas utilizando a música, uma vez que ela possui o seu próprio aparelho de som. Mas há alguns professores, pelo que percebi, que fazem questão de continuar com o método mecânico, tradicional de dar aulas. Recentemente num encontro que tivemos na escola com uma profissional da área de educação de Campina Grande,

a qual trabalha na 3ª região de ensino, a mesma ouviu de alguns professores que “não adianta procurar melhorar a metodologia, a prática pedagógica, pois há dificuldades várias, dentre elas, o grande número de alunos numa sala de aula, (cerca de 50), a falta de tempo do professor por trabalhar muitas vezes os três expedientes; na própria escola faltam recursos, não dá enfim, resultados”; ponto de vista com o qual não concordo, não acho que sejam convincentes certas justificativas. Penso que isto ocorre também porque faz tempo que se formaram, não chegaram a vivenciar o que é mais viável, mais produtivo como estou tendo a oportunidade de vivenciar, embora alguns sejam por pura falta de compromisso com o seu aluno e com a sua própria consciência.

É certo que não se ensina apenas por amor, mas deve-se ensinar pelo menos com amor. Se este sentimento do qual somos privilegiados fosse por nós bem cultivado e bem trabalhado tudo tenderia a se tornar melhor, não só em educação, mas no próprio mundo.

Diante destas percepções, buscarei no capítulo seguinte mostrar os passos dados pela educação na perspectiva de melhores caminhos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, fazendo parte destas perspectivas o uso dos vários recursos didáticos e linguagens que se tem feito presente na nossa sociedade há décadas e que ainda hoje se tornam alvos de debates quanto ao seu uso.

CAPÍTULO 2: OS LUGARES DAS LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO: UM DIÁLOGO COM A LITERATURA

Neste capítulo faço algumas considerações acerca da preocupação com o ensinar, o que já começa dentro de casa, com os próprios pais e se amplia para o espaço extra familiar, que é a escola. Nesta busca pelo aprimoramento da arte de educar, ressaltarei a utilização de vários recursos didáticos e linguagens em sala de aula e os vários debates teóricos acerca desta utilização, da década de 50 até hoje.

O ensinar e o aprender, esta troca de experiências, está presente na vida do homem não só quando este passa a frequentar os bancos da escola, mas desde cedo. No lar, a criança desde bebê já passa por esta troca com os seus pais quando estes a ensinam. É a sua primeira escola e seus primeiros mestres, os quais vão ensinando utilizando-se de diversos recursos, como balbuciar algumas sílabas, as cantigas de ninar, etc, e assim vai até chegar aos bancos da escola, preparando-se para a vida profissional.

O que constatamos é que a preocupação com o ensinar e o aprender e os melhores caminhos para tal concretização estão presentes nas sociedades desde tempos imemoriais. Rui Santos afirma que os chineses com sua sabedoria milenar já proclamavam o uso do recurso visual (a figura) como uma maneira eficaz juntamente com a palavra o melhor aprender, o que demonstra que não se aprende apenas através da língua, mas que há vários recursos de linguagens que facilitam o processo da aprendizagem no sistema educacional como um todo.

Diante destas considerações, diversos diálogos foram realizados sobre o uso de recursos didáticos em sala de aula. Já na década de 1950 vários teóricos questionavam sobre a importância ou não da TV como linguagem para a educação, preocupação esta decorrente do momento em que a sociedade começava a se deslumbrar com este veículo de informação e comunicação, não estando instalado ainda nas escolas como vemos hoje, mas no seio familiar.

O teórico Mc Luhan em 1954 declarou: “passamos hoje da produção de mercadorias empacotadas para empacotamento da informação” (LIMA, 1954, p. 145). Mc Luhan criticava este veículo, a TV, considerando que esta substituíria a cultura do livro. Compartilhando as preocupações de Luhan, Umberto Eco temia que a percepção do mundo via TV impedisse de levar o indivíduo ao questionamento, pois para ele a TV não enriquecia a imaginação. A escola de Frankfurt ao analisar os meios de comunicação e as mercadorias

culturais como um todo, concebia-os como expressões de uma certa “decadência cultural”, onde a fórmula substituíra a forma, tudo isto, segundo ela, da crescente expansão do “capitalismo monopolista”. Um tanto mais cautelosos, Michel de Certeau e Rene Berger chamam a atenção para alguns cuidados ao se deparar com as imagens, como por exemplo, perceber que sentidos o receptor destas imagens fabrica. Já Jesus Martin Barbero ressalta que a TV não é capaz de destruir os códigos e valores culturais do receptor.

Estas reflexões, entre outras, nos mostram que este exercício reflexivo diante destes mecanismos de linguagem é de inquestionável importância para a realização de uma aula criativa, enriquecedora.

O fato é que desde a década de 1950 buscou-se inovar os métodos de ensino no intuito de melhorar o trabalho do professor em sala de aula e o bom desempenho do aluno, de adquirir a sua atenção e despertar o seu interesse. Os recursos audiovisuais transformariam os pontos de difícil compreensão em apoio para o aluno raciocinar, mentalizar, criando assim gosto pelo assunto. Os filmes de movimento também eram cogitados como outra sugestão para inovar as aulas, além de sugestões de métodos de ensino como requisitos básicos para o professor ministrar suas aulas sem deixar de perceber o progresso da ciência e da tecnologia.

O Professor Rui Santos em seu livro *Ensino, sua técnica, sua arte*, cita a experiência de preleção como indispensável em todos os níveis de ensino, apesar do mesmo ter uma desvantagem, pois nesse método só o professor fala, o aluno cala. Os autores de texto “Linguagem e espaços e tempos no ensinar e no aprender”, sob a organização de Vera Maria Candau, criticam este método.

Para estes autores, tal método é falho. O silêncio é que invade a sala de aula onde a voz que ecoa é apenas a do professor, que dita as regras da verdade e o aluno cala e consente, mas viaja no pensamento para horizontes que não condizem com o conteúdo estudado, uma vez que o espaço torna-se monótono, o aluno dele se distancia em pensamento.

Ruy propõe outros métodos que, para ele, são mais eficazes, como o da demonstração prática onde o professor demonstra e explica, ou o de “ação em grupos” em que o aluno avalia suas falhas.

Nota-se que no desenrolar do tempo várias tentativas de melhoria do ensino foram pensadas, mas não podemos deixar de perceber as lacunas na metodologia a ser aplicada para uma maior eficiência.

Observamos que estas questões ainda hoje têm sido um desafio para os professores do ensino de História, os quais se vêem diante de jovens irrequietos, que vivem numa sociedade plural, cheia de desigualdades sociais e contradições, sem grandes perspectivas quanto ao futuro. Vê-se uma necessidade de refletir sobre os conteúdos e os métodos de ensino numa busca de transformar o saber histórico em sala de aula.

O professor historiador, artífice da palavra, diante deste mundo da imagem volátil, sente-se desqualificado, pois parece que o fato não mais importa, mas sim a divulgação, a informação, a imagem que não fala, que não traduz o real, e sim reflexos de uma ação mecânica em detrimento da produção intelectual e espiritual do homem que é capaz de criar.

É por isso que os alunos vêem hoje o professor de história como o modelo antiquário, retrógrado, ressuscitador dos mortos. Os jovens diante das imagens criam suas fantasias, sentem-se seduzidos e adquirem uma nova forma de linguagem e a fala dos jovens é denunciadora deste mundo virtual contemporâneo.

Sabemos que a própria escola é um espaço de múltiplas linguagens e neste contexto da era virtual, os alunos passam a adquirir hábitos. Sua linguagem torna-se diferente da trazida pelo livro didático. Desta forma, vêem a escola com indiferença; criam uma apatia com a escola, com o seu cotidiano tradicional. Temos que entender que não se trata da questão de o jovem não querer mais aprender. Ele sente esta sede, este desejo, só que não há uma sintonia entre o seu mundo e a realidade vivida por eles dentro da escola. As palavras usadas nos textos didáticos estão longe do universo dos alunos, são para estes destituídas de sentido, de significado. Em decorrência disto, não há aprendizagem, este torna-se algo precário.

O livro didático da década de 80 em meio a esta inovação tecnológica ainda traz, por exemplo, a produção de imagens sem um debate sobre elas. Vê-se o livro trazendo aquela história política da década de 60 com reprodução de figuras de heróis nacionais que só servem para os alunos caricaturar, riscar as fotografias, etc. Assim, essas imagens não ampliam o conhecimento do aluno, não enriquecem o conteúdo. É preciso que estas imagens sejam problematizadas, que façam com que os alunos reflitam sobre elas, que a vejam como um objeto de estudo significativo. Tais reflexões e observações já são feitas nos livros didáticos atuais.

Tudo isso deve ser extensivo aos outros recursos de linguagens que venham a ser trabalhados na sala de aula. Não é uma tarefa fácil, mas diante do contexto em que vivemos é preciso que o professor reflita sobre tais questões.

Penso que não é impossível conciliar uma aula expositiva com estes recursos de linguagens. Há que se produzir na sala de aula uma explanação do conteúdo de forma dialógica, interativa e mediadora entre o professor, os veículos de informação técnicos, o aluno e o conteúdo trazidos nos livros didáticos, levando em conta a experiência dos alunos como ponto de partida para trabalhar o conteúdo em sala de aula.

Portanto, frente a estes mecanismos, o professor deve estar atento para não se transformar num mero instrumento a serviço da técnica, nem ser visto pelos alunos como o professor antiquado, cujas aulas não têm sentido. É importante que, por exemplo, frente a TV, o professor mostre aos alunos que não se pode ficar diante dela numa atitude alienada, passiva, sem diálogo, sem questionamentos.

É fato que não há uma receita, uma regra geral e uniforme a se seguir no trabalho com estes recursos didáticos, nem estes vão resolver os problemas do ensino e aprendizagem como um todo, mas há que se ter cuidado na sua utilização, pois diante de todo o empenho desde a década de 1950, bem como nos dias atuais em que tornou-se viável o uso destes mecanismos, não vimos também junto a esta proposta de inovação, propostas sobre como usá-los, que metodologias utilizar junto a esta perspectiva inovadora. Pouco se conhece sobre a aplicação destas linguagens, os prós e os contras da sua utilização.

Portanto, não podemos desconsiderar esta nova realidade que permeia o âmbito educacional, onde cada vez mais a escola enfrenta a concorrência da mídia, do encantamento do mundo mostrado através das imagens e dos sons. Por isso, o professor não pode se prender apenas ao quadro negro, o giz e o livro didático.

Pensando estas preocupações com as transformações na vida social e educacional, vemos exemplificados nas Propostas Curriculares das escolas; o pensar a função da educação, o seu papel político junto à experiência de vida do educando, sua fala, sua experiência, formando um estudante capaz de observar com olhar crítico o mundo à sua volta.

Assim também vemos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), criados na década de 90 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), mostrando-nos que já não se concebe desde há muito tempo a elaboração de currículos voltados

apenas para a realidade da escola, dos alunos na sala de aula, ainda mais porque a realidade de hoje solicita que a transmissão do saber se fará mais eficaz quando munido de vários recursos de linguagens, como o livro didático, a tecnologia do ensino, entre outros, e junto a isto incorporar a fala e a experiência do aluno e tudo o que o rodeia.

O livro didático é muito limitado, é apenas um referencial e, para além deste, temos outros recursos didáticos que vão possibilitar o trabalho com os seus conteúdos com mais dinamismo e significado para o aluno. Daí a importância do ensino de História como elo de ligação entre os acontecimentos vividos pela sociedade consumista de hoje e o conhecimento histórico a ser veiculado pelas propostas curriculares.

Como comenta Circe Bittencourt, organizadora do livro *O saber histórico em sala de aula*, a história apareceu neste novo milênio com uma vital importância no sentido de evitar a amnésia da sociedade atual diante das incertezas deste mundo de hoje, de frear um pouco a alienação dos jovens diante da magia tecnológica e virtual.

Como nos diz André Chervel em seu livro *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa* (1990), “a escola teve a função de colocar um conteúdo de situação a serviço de uma finalidade educativa”. Neste sentido vem o ensino de história contribuir para mostrar que é possível libertar um pouco o indivíduo deste hábito de conhecer só o tempo presente e fazê-lo perceber o seu papel político, social, etc.

Assim, é necessário mostrar que a história não é formada apenas por acontecimentos políticos, mas que existe uma infinidade de temas que podem ser escolhidos e trabalhados com os alunos, possibilidades de trabalhar com a interpretação de documentos, debate, produção textual, selecionar filmes, programar as chamadas “aulas-passeio”, etc.

Os PCNS e a revista *Nova Escola* trazem-nos depoimentos de várias experiências com o uso em sala de aula dos recursos e linguagens que tornaram as aulas muito mais produtivas, interagindo com o mundo dos alunos.

Para citar um exemplo, a revista *Nova Escola* mostra-nos a experiência da professora Dilene que partindo do tema “fé”, falou da igreja, da inquisição, das cruzadas, do renascimento e para tornar a aula mais dinâmica levou para a sala um CD de canto gregoriano e outro do padre Marcelo Rossi e fez um contraponto. Ela

ressalta a importância de trabalhar os assuntos que ganham espaço na mídia, pois despertam o interesse dos alunos, ressaltando que é preciso contextualizar os assuntos para serem melhor abordados.

Um outro exemplo citado pela revista *Nova Escola* é a música “Fábrica”, de Legião Urbana. Ao trabalhar com o tema sobre industrialização o professor Carlos comenta que os alunos não se limitaram a cantar a letra, mas através do cântico surgiram debates sobre poluição, solidariedade, cidadania.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, atesta no seu artigo 12, inciso I que os estabelecimentos de ensino devem elaborar a sua própria proposta pedagógica, questionar sobre as reais necessidades da escola, do ensino produtivo na aprendizagem do aluno, pois segundo Ilma Passos, “A escola guarda estreita relação com o contexto social mais amplo” e o conhecimento deve pautar-se na “socialização e democratização do saber”.

As escolas estão recebendo TVs, vídeos, fitas, computadores, laboratórios, livros, etc, uma prova de que não é possível desvincular o ensino das transformações econômicas, sociais, culturais e tecnológicos que nos cercam e nos servem de alerta para que criemos novas maneiras de facilitar o aprendizado do aluno. É tanto que o livro *Salto para o futuro*, editado pelo MEC, vem nos mostrar que há que se gerar novas práticas educativas que melhorem o desempenho do estudante e prepare-o para o mercado profissional hoje tão competitivo e cada vez mais tecnológico.

Enfim, usar estas novas linguagens em sala de aula possibilita que o jovem perceba estes instrumentos tecnológicos com um maior amadurecimento e senso crítico do “novo”. O professor deve mostrar que todo saber, toda forma de linguagem é uma construção, e esta não é elaborada de forma inocente, é preciso que se perceba o outro lado da questão, as entrelinhas, o que está por trás das cortinas e como este saber que nos passam foi construído. Desta forma, podemos dizer que estamos trazendo para o jovem um maior amadurecimento intelectual, fazendo com que se respeite e se valorize o outro com as suas diferenças, com os seus valores, buscando com isto a construção de uma sociedade mais fraterna.

No dia 3 de julho de 2003, o governo da Paraíba promoveu o primeiro Seminário Estadual de Formação com o slogan “A Paraíba é unida pela educação”, com o objetivo de pensarmos, como professores, na melhoria do nosso desempenho em sala de aula, além de discutir os problemas da escola e sugestões de melhoria.

Em Umbuzeiro este encontro foi realizado pela educadora Livramento (formadora dos PCNS), funcionária da 3ª região de ensino de Campina Grande. Os pontos que ela mais frisou foram os já citados neste capítulo: a inovação das aulas frente os meios tecnológicos com os quais vivemos, a prática das aulas ligadas ao cotidiano dos alunos e suas experiências.

É interessante perceber como ela salientou a importância do uso de vários recursos de linguagens como enriquecedores, é tanto que no encontro que durou dois dias, trabalhou conosco com dinâmicas como: a música, quebra-cabeças, mímicas, dramatização, recortes e colagens, o que tornou estes dois dias de palestra (manhã e tarde), interessantes e menos cansativos.

Ao perguntar o porquê de ter trabalhado conosco com estes recursos, ela respondeu que era a maneira que mais gostava de trabalhar, que lhe dava entusiasmo.

Pelo que percebi foi uma maneira de demonstrar como o professor deve atuar hoje, fugindo daquele estilo tradicional e hierárquico onde o professor dita as regras do jogo, é o ser ativo e o aluno, passivo e inoperante. Ao comentar a importância de buscar inovar as aulas, os colegas colocaram que o discurso é um, mas a prática é outra; que não havia condições, pois o número de alunos na sala era muito grande, dificultava a prática; que por trabalharem em mais de uma escola não havia tempo para preparar as aulas, além do mais, os salários os deixavam desestimulados.

Deste último ponto de vista eu discordo, pois a criança ou o jovem quando está nas nossas mãos à espera do aprender não tem culpa do nosso salário ser ínfimo.

As dificuldades que vejo para trabalhar estes recursos ocorrem pela indisponibilidade de alguns deles na minha escola. Há TV e vídeo, mas faltam as fitas. O som que a escola tem parece ainda não ser concebido por todos como enriquecedor das aulas, é mais usado na época de quadrilhas, algumas apresentações de dança na época do folclore. Ainda não há aquela compreensão de que o quadro, o giz e o livro são apenas suportes para a prática educativa na sala de aula.

Diante destas considerações no capítulo seguinte se os colegas professores usam tais recursos didáticos e linguagens em suas aulas e como usam como vêem estas experiências do ponto de vista profissional, bem como buscarei apreender também a compreensão dos alunos.

Percebe-se que, diante de todas as preocupações com o ensino na atual situação da escola, a convivência com implementos e tecnologias contemporâneas, vemos que a relação com o uso dos novos recursos e linguagens em sala de aula, ou seja, com estas práticas tecnológicas tem sido um tanto contraditórias, na opinião de alguns teóricos.

Notamos que de um lado, há uma certa repulsa quanto ao uso destes recursos, ou uma certa desconfiança. Por outro lado, quando aceitas, alguns cuidados são observados quanto ao uso indevido destes mecanismos.

Há que se ter bastante cuidado, pois alguns educadores utilizam tais inovações como técnicas de ensino, como estratégias para preencher ausência de professores ou como um recurso para tornar as aulas menos enfadonhas.

Constatamos tais preocupações entre os teóricos Rui Santos, Mc Luhan, Umberto Eco, os próprios PCNS, entre outros.

Todos estes teóricos e materiais se preocupam justamente com a sua utilização na sala de aula, sobre os objetivos que se pretende atingir, bem como observam o cuidado de não utilizar tais práticas simplesmente para facilitar o trabalho do professor em sala de aula.

Umberto Eco não é muito otimista quanto ao uso destes recursos, como por exemplo, a TV, pois segundo ele, a percepção do mundo via imagem pode levar o aluno à atrofia de sua capacidade intelectual, criativa, etc. Para ele, a TV é inferior à capacidade mental das pessoas de assimilar, não enriquece a imaginação das pessoas, mas se impõe como uma realidade que é imediata, volátil.

Neste mesmo pressuposto, a escola de Frankfurt vê a escola neste imbricamento com tais usos, vivendo num processo de decadência cultural, reflexo desta investida do capitalismo nos países ocidentais.

Os PCNS e a revista Nova Escola percebem o uso destas novas modalidades de ensino como importantes, uma vez que são partícipes do cotidiano do aluno hoje, mas ressaltam os vários cuidados e metodologias que se deve ter para que tais práticas na sala de aula não se tornem mecânicas, sem maiores significados para a vida do educando.

Já dizia um psicólogo da educação David Ausubel: “O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem do aluno é aquilo que ele já conhece; descubra-se o que ele sabe e baseia nisso seus ensinamentos”. (LIBÂNEO, pág. 43).

Acho que há que se compatibilizar o mundo social e cultural do aluno com os conteúdos do livro didático. Quando não há este vínculo, as aulas soam como estranhas, desinteressantes, por isso é muito importante levar em conta as suas percepções, suas motivações, sua prática de vida, sua linguagem. Desta maneira o trabalho realizado na escola tem maiores possibilidades de obter êxito.

Diante dos usos destas novas linguagens em sala de aula, deve-se possibilitar aos educandos que adquiram a capacidade de realizar análises críticas, interpretações acerca do que lhe está sendo viabilizado, seja através de filme, da música, dentre outros tantos recursos possíveis de serem trabalhados.

Com estes cuidados o aluno terá a capacidade de fazer interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si de outra forma, percebendo todo o conjunto de lutas, conquistas, descobertas, sonhos, desejos de cada um, tanto no passado quanto no presente, na vida cotidiana de cada um.

Se feito o uso destas linguagens com os devidos cuidados, teremos a possibilidade de melhor transmitir o saber; a escola não vai poder ignorar o contexto em que vive. Como diz uma referência na Revista Suplemento de Informática da L'Hebdo, dez de 1997, p.12": se não se ligar, a escola se desqualificará".

Assim, se a escola ministra um ensino que aparentemente não é útil para o uso fora dela corre mesmo o risco do desprestígio, da desqualificação.

É certo que ensinar é uma arte. Mesmo com o uso de tais recursos tecnológicos, nada substituirá a presença do professor, a riqueza do diálogo entre professor e aluno, pois a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmitem informações, mas onde há uma relação de interlocutores que constroem sentidos e o uso dos novos recursos didáticos não vem a frear esta interlocução.

Munidos destes novos instrumentos, abre-se na escola, ao ensino, a possibilidade de acesso a várias informações; os alunos tomam-se pesquisadores. Com tais pesquisas e informações provocam-se debates que serão bastante construtivos.

Levando em conta este olhar, vemos surgir no intercâmbio da vida escolar e sócio-cultural do aluno uma vivência muito mais próxima da sua vida do que aulas baseadas apenas nos métodos tradicionais de transmissão do saber. Como diz André Chervel, se levarmos o ensino junto com o uso destas modalidades de recursos e linguagem a uma finalidade educativa, possibilitará o aluno a conhecer o espaço em que vive de uma maneira mais madura, criativa e crítica.

Partindo destes pressupostos, é que as experiências relatadas na Revista Nova Escola fazem sucesso nas aulas das mais variadas disciplinas em vários cantos do país.

Diante destas considerações, buscarei compreender no capítulo seguinte se os colegas professores usam tais recursos didáticos e linguagens em suas aulas e como usam. Como vêem esta experiência do ponto de vista profissional, bem como buscarei apreender também a compreensão dos alunos.

CAPÍTULO 3: LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS: DOS PCNS À ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE JOÃO PESSOA

Neste capítulo discuto a minha inquietação frente à desmotivação dos alunos pelos estudos, objetivando perceber e analisar como os professores e alunos da escola em que trabalho se portam face às propostas dos PCNS e ao uso de diferentes recursos didáticos e linguagens como subsídios no processo de ensino-aprendizagem, os seus significados e implicações.

Diante destas questões, colocarei em foco os dados coletados através da pesquisa realizada com professores e alunos do Ensino Médio da E.E.E. e Médio Presidente João Pessoa, analisando também as propostas de ensino frente às inovações tecnológicas com as quais a escola, o professor e o aluno se deparam hoje.

Segundo as concepções criadas pelos PCNS, a escola deve acompanhar os passos da modernidade, preocupando-se com o contexto de desenvolvimento tecnocientífico e não apenas em utilizar-se dos recursos tecnológicos hoje disponíveis, como a televisão, o vídeo, o computador, etc. Outra preocupação de relevância da escola em relação a estes recursos deve ser a maneira como utilizá-los nas aulas para que, além de uma aula fora do tradicional, se perceba a preocupação em formar um indivíduo crítico diante destas novidades da modernidade, despertando nele a importância de valores éticos, tais como: dignidade, solidariedade e respeito mútuo.

Por meio de um levantamento de dados realizado com professores e alunos do ensino médio, busquei verificar se ocorreram ou não mudanças na prática pedagógica em sala de aula, e quais os impactos causados no processo ensino-aprendizagem pelo emprego dos diferentes recursos didáticos atualmente disponíveis.

A pesquisa foi realizada com alunos que estão concluindo o ensino médio, por entender que estes alunos estão mais aptos a informarem sobre suas experiências em sala de aula. Em se tratando de uma turma composta apenas de 23 alunos de ambos os sexos, selecionei 12 para responderem ao questionário sobre os recursos didáticos, estabelecendo os seguintes critérios: seis do sexo masculino e seis do sexo feminino; seis da zona rural e seis da zona urbana.

CAPÍTULO 3: LINGUAGENS E RECURSOS DIDÁTICOS: DOS PCNS À ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE JOÃO PESSOA

Neste capítulo discuto a minha inquietação frente à desmotivação dos alunos pelos estudos, objetivando perceber e analisar como os professores e alunos da escola em que trabalho se portam face às propostas dos PCNS e ao uso de diferentes recursos didáticos e linguagens como subsídios no processo de ensino-aprendizagem, os seus significados e implicações.

Diante destas questões, colocarei em foco os dados coletados através da pesquisa realizada com professores e alunos do Ensino Médio da E.E.E. e Médio Presidente João Pessoa, analisando também as propostas de ensino frente às inovações tecnológicas com as quais a escola, o professor e o aluno se deparam hoje.

Segundo as concepções criadas pelos PCNS, a escola deve acompanhar os passos da modernidade, preocupando-se com o contexto de desenvolvimento tecnocientífico e não apenas em utilizar-se dos recursos tecnológicos hoje disponíveis, como a televisão, o vídeo, o computador, etc. Outra preocupação de relevância da escola em relação a estes recursos deve ser a maneira como utilizá-los nas aulas para que, além de uma aula fora do tradicional, se perceba a preocupação em formar um indivíduo crítico diante destas novidades da modernidade, despertando nele a importância de valores éticos, tais como: dignidade, solidariedade e respeito mútuo.

Por meio de um levantamento de dados realizado com professores e alunos do ensino médio, busquei verificar se ocorreram ou não mudanças na prática pedagógica em sala de aula, e quais os impactos causados no processo ensino-aprendizagem pelo emprego dos diferentes recursos didáticos atualmente disponíveis.

A pesquisa foi realizada com alunos que estão concluindo o ensino médio, por entender que estes alunos estão mais aptos a informarem sobre suas experiências em sala de aula. Em se tratando de uma turma composta apenas de 23 alunos de ambos os sexos, selecionei 12 para responderem ao questionário sobre os recursos didáticos, estabelecendo os seguintes critérios: seis do sexo masculino e seis do sexo feminino; seis da zona rural e seis da zona urbana.

Ao estabelecer estes critérios, tenciono conhecer a percepção que alunos do campo e da cidade, que vivem situações diferentes, têm quanto ao uso que os professores fazem dos recursos didáticos e linguagens em sala de aula.

Em relação aos professores, num universo de 12 foram selecionados 8 professores para responderem ao questionário, sendo 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

Nessa pesquisa é importante conhecer também a sua observação sobre uso dos recursos didáticos e linguagens em sala de aula, razão pela qual não me detive apenas à seleção de professores do sexo masculino ou do sexo feminino, mas aos dois sexos em virtude dos diferentes pontos de vista com que encaram vida e educação. Outro critério que orientou a pesquisa foi selecionar professores de diferentes disciplinas e até mesmo alguns que lecionam mais de uma disciplina, como: português, inglês, geografia, história, matemática, química e biologia; observando que a desmotivação dos alunos não ocorre apenas na disciplina história, mas em quase todas as outras disciplinas.

Preocupada com a falta de interesse dos alunos pelos estudos e, em especial, pela disciplina história, tendo-a como uma matéria monótona e cheia de pontos negativos; desejando compreender o porquê de tal percepção, questionei o que poderia ser feito para que isso mudasse. Percebi que uma das causas desta aversão, tanto à disciplina quanto aos estudos, é o fato de o ensino ser pautado no modelo tradicional, modelo este que o pretense saber científico encontrou desde o século XIX para ocupar uma posição de destaque no mundo moderno, aliado à instituição escola.

A escola, concebida como a instituição ideal para a divulgação do saber, adotou um modelo educacional formulado, pronto, limitando o crescimento intelectual do aluno e o desenvolvimento de suas potencialidades criativas, facultando-lhes apenas a função de aprender o saber já elaborado em que o professor seria o grande detentor do conhecimento e o livro didático o único mediador entre o professor e os alunos.

Não se descarta aqui a importância do livro didático, recurso tão presente nas escolas, é tanto que há a sua distribuição em todas as escolas, contendo o exemplar do mestre e o do aluno. No entanto, é importante que ao utilizá-lo o professor trabalhe com ele de uma forma que o transforme consideravelmente. Ao trabalhar

com as imagens trazidas por ele, se explore várias outras questões, uma vez que os alunos hoje se deparam cada vez mais com a imagem volátil da mídia.

Como comenta Circe Bittencourt em seu livro; *Livros didáticos entre textos e imagem* (2002, pg. 89) "... fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhes são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades...".

Atualmente sabe-se que o dia-a-dia do educador é um desafio constante em decorrência das inovações tecnológicas e a escola deve furtar-se à idéia de constituir um ambiente onde funciona uma metodologia de ensino repetitiva, pois as pessoas ali envolvidas são individualidades diferentes que agem, interagem e desafiam.

Cabe então ao professor a responsabilidade de organizar os conteúdos e temas a serem ministrados, porém não de uma forma limitada, pois a escola deve interagir com o cotidiano do aluno em seus diversos aspectos, tal qual sugerem as propostas dos PCNS sendo, neste contexto, inquestionável a importância do papel que o professor exerce e da reflexão que ele faz quanto a sua função enquanto educador, diante dos desafios que lhe são apresentados na atualidade.

Como já comentei no capítulo anterior, a relação da escola e de alguns professores e educadores com estas novas tecnologias ainda é contraditória. Há de um lado uma certa repulsa, como se estes recursos tecnológicos tirassem a capacidade de o aluno desenvolver por si as suas potencialidades, sua capacidade de refletir, etc., com o que concorda Umberto Eco que não vê com otimismo, por exemplo, o uso da TV na escola, se aproximando do pensamento da escola de Frankfurt, que vê nestes recursos um processo de decadência cultural, fruto da expansão do capitalismo.

Outros autores dão importância ao uso destes recursos didáticos e linguagens na sala de aula, atentando para a necessidade de saber utilizá-los como alertam os PCNS e educadores como Ruy Santos, Neidson Rodrigues, Ilma Passos, as Revistas do MEC, Saliba, Circe Bittencourt e outros.

De um modo geral, vê-se o interesse dos diversos setores educacionais em propor ao professor atividades que melhorem a sua prática pedagógica, demonstrando assim a necessidade de serem adotadas, na escola, formas inovadoras de trabalho, provocando a ruptura da rigidez tradicional com a adoção de práticas de diferenciação pedagógica; com a reelaboração inovadora do currículo

escolar, com o “se pensar” sobre o lugar que a escola ocupa na sociedade, já não mais como um templo do saber, recolhido e isolado dessa sociedade, mas como peça-chave, importante ao espaço cultural habitado por saberes e instituições que devem fazer parte ativa no educar e formar cidadãos.

Propaga-se a urgência em se romper com as concepções clássicas do conhecimento, abrindo o currículo escolar à contemporaneidade, tanto do ponto de vista cultural como artístico, científico, tecnológico, objetivando favorecer uma reflexão crítica sobre o próprio saber e a construção desse conhecimento.

Como relato no capítulo anterior, Ruy Santos nos fala que desde a década de 1950 já se pensava em mudanças na maneira do professor ensinar e as várias possibilidades para facilitar a aprendizagem do aluno e tornar as aulas mais interessantes. A observação da aplicação de tal prática, segundo Ruy e Neidson Rodrigues, adotada em escolas do Centro Oeste e Sul do país foi positiva, pois as aulas tornaram-se dinâmicas facilitaram a aprendizagem dos alunos, deixando-os motivados.

Para além deste otimismo quanto ao uso destes novos recursos didáticos, ambos ressaltam a importância de se criar métodos e critérios bem definidos para que as aulas realmente sejam eficazes, proporcionando o debate, ampliando o olhar do aluno frente às imagens que lhes são passadas pela mídia e várias outras questões. Estes cuidados também vemos ressaltados nas revistas elaboradas pelo MEC e por outros educadores como Elias Tomé Saliba, teóricos como Marshal McLuhan, etc.

Saliba alerta para que diante destas novas práticas, conhecer não seja reduzido apenas a ver, mas que se faça questionamentos, reflexões, críticas, percebendo que são construções com implicações políticas, sociais, etc.

Atentando para os cuidados necessários, é sabido como comenta Carlos Libâneo em seu livro *Adeus professor, Adeus professora*, 2001, que a escola não pode nos tempos de hoje se dissociar dos meios de comunicação, mas deve saber conectar-se com eles, elaborando seus programas e planos pedagógicos, propiciando um tal amadurecimento ao aluno para que este saiba conviver melhor com o novo mundo tecnológico no qual vive.

Assim, na década de 90 foram elaboradas a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) em virtude da preocupação com o sistema nacional de educação, com a qualidade do ensino oferecida e com a prática

pedagógica adotada pelos educadores, visando a mudança e adequação às inovações do setor como reflexos das transformações pelas quais vêm passando a sociedade brasileira. No entanto, são sugestões que nos são passadas como um saber autorizado, testado e aprovado. Os PCNS apontam a utilização de vários recursos didáticos e linguagens como a televisão, o som, o vídeo, o computador, jogos, dramatizações, etc., como requisitos ideais à compreensão dos alunos.

Estas sugestões de utilização destes recursos são divulgadas pelas revistas do MEC, e da Educação, destacando-se *Nova Escola*, 1996 a 1999, e *Salto para o futuro*, 2000, que trazem relatos de experiência que deram certo com o uso destes recursos em várias escolas do país.

Não percebi, porém, nestes relatos se há uma preocupação em saber se todas as escolas dispõem destes recursos e também se as escolas dispõem de profissionais habilitados a trabalhar com estes instrumentos.

Neste aspecto, percebe-se uma preocupação do educador Carlos Libâneo, pois segundo ele, neste contexto faz-se necessário uma qualificação do professor para utilizar tais mecanismos e também tornar o ensino, com estas tecnologias, pleno de significados éticos e morais.

Outro entrave ao sucesso de tais experiências é que não se procurou saber se tais modalidades experimentais se adequam às mais variadas situações das escolas do país, como iremos perceber na escola em que ensino. Vê-se que estas experiências nos são passadas de maneira que temos que aceitá-las e vê-las como parte inquestionável da realidade escolar hoje.

Portanto, diante das propostas para o ensino hoje e das experiências propiciadas por algumas destas propostas, procurei compreender na escola em que trabalho, através de questionários, a visão que professores e alunos têm desta prática pedagógica e se realmente surte o efeito propagado pelas propostas educacionais, como também se professores e alunos sentem as mudanças ocorridas com sua utilização.

Reportando-me ainda aos professores com os quais fiz a pesquisa, todos têm o curso superior e alguns têm especialização, encontram-se na faixa etária entre 25 e 50 anos de idade e exercem sua função no magistério há cerca de 10-20 anos. Quase todos lecionam atualmente em escolas e séries diversificadas.

Não obstante a existência de várias modalidades de coleta de dados ou técnicas de pesquisa, optei pelo questionário, por compreender que seria o caminho mais adequado para o tempo que disponho.

Os professores e o uso das linguagens e recursos didáticos em sala de aula

Este item discute a concepção dos professores frente à utilização ou não destes recursos e qual a sua importância para o processo ensino-aprendizagem quando utilizados.

Os professores alvo desta pesquisa foram unânimes em afirmar que tais mecanismos são de fundamental importância para a aprendizagem do educando, pois além de deixar a aula mais motivada, contribui para despertar o interesse do aluno pelo conteúdo e permite uma maior interação do grupo.

Esta observação dos professores se coaduna com o que José Manuel Moran, Ruy Santos, Ilma Passos, os PCNS, as revistas do Mec, etc., revelam sobre a necessidade de se trazer para a sala de aula nos dias de hoje os vários recursos tecnológicos tão presentes no nosso dia-a-dia.

Quando as questões giram em torno do emprego destes recursos na citada escola, alguns professores dão respostas evasivas, o que se tornou um problema para o trabalho, pois as respostas curtas e objetivas dificultaram o aprofundamento das minhas reflexões, principalmente as respostas relacionadas ao emprego dos recursos didáticos, o que significa falar de suas experiências, mostrando a operacionalidade destes recursos em sala de aula como agentes propulsores da interação e aceleração do processo ensino-aprendizagem já que todos concordam na importância do seu uso no ensino atual e não o questionaram.

Conforme as respostas da maioria dos professores entrevistados, a utilização destes recursos proporciona ao aluno desenvolver suas habilidades, além de se fazerem imprescindíveis ao envolvimento do aluno de forma mais significativa naquilo que está aprendendo, rompendo com a mesmice que causa enfado, não só ao aluno como também ao professor.

Nota-se que ficou uma lacuna, pois não foi colocado pelos professores se realmente os alunos passaram a ganhar maturidade quanto à importância de estudar como também se estas aulas possibilitaram um maior sentido de aprendizagem para suas vidas.

Quanto a isto Neidson Rodrigues diz que é importante pensar em caminhos novos para facilitar a atividade educacional para que esta não se pautar apenas na transmissão de conteúdos, mas que produza no educando a concretização do seu papel histórico, de sua imbricação no contexto sócio-cultural, etc.; que a escola perceba a experiência de vida do educando, lhe proporcionando meios para analisar o mundo que o rodeia, pois o papel do educador e da escola deve ser muito mais amplo; que os planos de aula e o currículo escolar tenham correlação com a vivência extra-classe do aluno, de contextualização, reflexão crítica e de valores que lhe possibilitem aprender a viver melhor.

Nesta mesma direção seguem as propostas dos PCNS e Ilma Passos. Esta última coloca que a escola guarda uma estreita relação com o contexto social mais amplo e o conhecimento deve pautar-se na socialização e democratização do saber.

Ao lecionar história, por exemplo, deve-se levar o aluno a compreender que esta não se resume à memorização de datas e grandes nomes ou personagens, mas que o aluno se perceba como agente da história, como ser atuante que constrói a história e que o mundo em que vive é resultante da ação do homem. Importante também é que o aluno compreenda que por trás de cada fato relatado existem relações econômicas, políticas e culturais que o produzem e que os homens, a todo momento estão se transformando e transformando o mundo em que vivem.

Como comenta Circe Bittencourt, organizadora do livro *O saber histórico em sala de aula*, 2000, a história aparece neste novo milênio com uma vital importância, no sentido de evitar a amnésia da sociedade atual diante das incertezas destas novidades da modernidade e a escola é fundamental no sentido de fazer com que os jovens compreendam melhor e conheçam melhor a realidade na qual ele vive hoje, despertando um espírito crítico e reflexivo diante da mágica tecnológica e virtual que nos rodeia.

Tais preocupações não se fizeram presentes nas respostas dadas pela professora de história da escola na qual leciono, de acordo com suas respostas, a importância dos recursos didáticos na sala de aula se reporta mais ao lado prático, de tornar as aulas mais atraentes, menos cansativas, facilitadoras da aprendizagem. É justamente contra esta visão unilateral que José Manuel Moram se manifesta no artigo intitulado "O vídeo na sala de aula".

Segundo ele, é preciso perceber estes novos recursos para além do entretenimento e da aproximação da sala de aula com o cotidiano do aluno, para

que o aluno não os perceba apenas como uma maneira de enrolar a aula, da não importância da presença do professor no meio deles , etc, ou seja, correndo-se o risco de ao invés de enriquecer as aulas, torná-las sem eficácia.

Apesar de todos os professores terem se pronunciado a favor do uso desses novos recursos em sala de aula, nem todos utilizam as novas e diferentes linguagens na citada unidade escolar.

Três dos oito professores com os quais fiz a pesquisa se esquivaram de responder sobre o uso destes recursos em suas aulas, como se não existissem, ou se existem não lhes é facultado o acesso, o que aponta para problemas administrativos de ordem interna à escola que fogem à preocupação deste estudo.

Outros alegam que a escola dispõe de poucos recursos além do quadro de giz, do giz e do livro didático, porém dentro de suas possibilidades incrementam os novos meios que oportunizam aos educandos um melhor conhecimento no processo de aprendizagem.

Dentre os recursos improvisados por alguns professores, merecem destaque as sucatas que, de maneira surpreendente, superam o quadro de giz por despertarem em a criatividade dos alunos e desenvolver algumas de suas habilidades, só não se detiveram em explicar como se dá o processo em sala de aula.

As experiências com materiais reciclados, recortes de jornais, até mesmo receitas de doces e salgadinhos são trabalhadas em sala de aula em disciplinas como Português, História, Matemática, etc., experiências estas trazidas pela revista Nova Escola, cujos depoimentos dos professores que utilizam estas alternativas são significativos, facilitando o desenvolvimento da leitura, da escrita, a melhoria do vocabulário, o conhecimento da nossa cultura, entre tantas outras questões podem ser trabalhadas.

Face a tantas dificuldades que a escola enfrenta frente a estes novos recursos didáticos, os professores comentam que a aplicação prática das propostas dos PCNS fica prejudicada.

A professora que leciona Biologia reclama do laboratório que existe na escola e vive trancado, e que não houve um treinamento para trabalhar com o mesmo. Diante disto, a mesma não se posicionou quanto a crer de alternativas que superem a falta do laboratório, elemento de vital importância ao aprendizado da disciplina por

ela lecionada. O não relato de suas experiências em sala de aula, leva-nos à crença que a sua metodologia não vai além do uso do tradicional livro didático.

Ilma Passos ao falar dos novos recursos didáticos e linguagem no ensino, ressalta a importância do uso do laboratório, pois o aluno se desprende do teórico para o prático adquirindo assim um aprendizado mais significativo, mas ressalta que para além do laboratório o professor poderá utilizar-se na sua prática didático-metodológica da pesquisa de campo, de debates em sala de aula, entre outras alternativas que fogem do apego apenas ao livro didático.

Embora diante de tantas dificuldades quanto ao acesso aos recursos didáticos e linguagens nesta escola, alguns professores salientam seu esforço em modificar sua prática pedagógica, como é o caso da professora de Inglês que traz seu aparelho de som de casa. Segundo seu relatado, a mesma utiliza letras de músicas que estão no auge do sucesso visando despertar o interesse da turma, trabalhando com os alunos a letra da música frente a pronúncia e a parte gramatical, além da tradução; ação condizente com o seu objetivo de levar ao aluno não só entretenimento, como também atrair a atenção e o interesse pela língua inglesa. Ela ainda insere nas suas aulas cruzadinhas, dramatizações, textos escritos, etc.

Sobre a experiência de se trabalhar com letras de músicas na sala de aula, a revista Nova Escola traz-nos o depoimento do professor Carlos, que ao trabalhar o tema industrialização com a letra "Fábrica" de Legião Urbana, os alunos não se limitavam apenas a cantar a letra, mas foram colocadas em debate várias questões como poluição, solidariedade, cidadania, etc, o que foi extremamente positivo.

Os professores de geografia e literatura utilizam recursos como mapas, jogos com palitos, cruzadinhas, etc, objetivando, além de mostrar a importância dos conteúdos em estudo, desenvolver algumas habilidades do educando, bem como permitir aos professores dispor de outros métodos que facilitam a aprendizagem e a agilidade de raciocínio.

O professor de Química, também responsável pela disciplina Física, não descarta a importância destes recursos, porém prefere trabalhar com o giz, o quadro de giz e o livro didático, buscando fazer com que os alunos aprendam o conteúdo pelo conteúdo em si, o que é incompatível com as propostas que vimos discutindo.

Para os pedagogos que agem desta forma se faz imprescindível compreender que o professor atual tem uma função que vai além da de simples reprodutor tecno-científico, por haver uma imbricação maior entre professor, aluno e

o ato de ensinar. Diante desta nova forma de ensinar, enfoca-se o educando como um agente capacitado à construção do próprio conhecimento, furtando-se à condição de passividade frente ao saber pronto e inquestionável fornecido pela ortodoxia tradicional da instituição escolar. Ensinar oferecendo uma formação preparatória para a vida em todos os sentidos requer do educador uma contínua transformação de suas metodologias para atender satisfatoriamente às necessidades dos discentes sob sua responsabilidade.

Ao responderem sobre as propostas dos PCNS os professores acharam-nas boas, todavia fizeram questão de frisar que ainda não há uma divulgação em todas as escolas, como também não deram esclarecimento maior em relação ao trabalho a ser executado em sala a partir destes recursos, nem questionaram a respeito dos cuidados que se deve ter em não preparar o aluno apenas para se integrar ao mercado de trabalho, daí percebe-se que as propostas dos parâmetros curriculares são apreciadas, embora não sejam colocadas em prática em virtude de uma série de fatores que obstaculam trazer à realidade educacional tudo aquilo que se viabiliza no discurso do nosso sistema educacional.

Assim, comentam alguns colegas de trabalho que o discurso é um, mas a prática é outra, esta nem sempre se coaduna com o mesmo. É incontestável que nem tudo funciona como se pretende, especialmente na área educacional, pois cada escola tem a sua peculiaridade, as suas limitações, as suas diferenças. Se umas tem tudo ao seu dispor, noutras falta muito para levar adiante sua função de lugar de educação. Constata-se que nem todos são privilegiados com recursos didáticos e treinamentos que possibilitem ao professor melhorar sua prática pedagógica.

É justamente neste ponto que o professor J. Carlos Libâneo e outros educadores ressaltam a preocupação quanto a utilização dos instrumentos metodológicos em sala de aula, pois sabe-se que sem uma preocupação metodológica o uso destes novos recursos em sala de aula torna-se de certa forma "perigoso", palavra chave usada dentro deste mesmo pensamento pelo educador Elias Tomé Saliva. Há que se definir critérios e metas para o uso destes novos recursos didáticos. É de suma importância que o educador ao trabalhar com o que oferece a mídia, consiga despertar nos alunos a compreensão e a visão crítica e analítica da realidade na qual ele se insere, deste imediatismo consumista que não se faz para todos, provocando diferenças, exclusões.

Um forte exemplo desta diferença é que nem todas as escolas têm computador, inclusive a em que leciono. Mesmo se tivesse, a maioria do professorado não estaria apto a trabalhar com esta máquina.

Na escola em que trabalho há uma televisão e um vídeo, no entanto, não existem profissionais habilitados e disponíveis para realizar o manuseio destes recursos. Se existe o vídeo, não existem as fitas. O mesmo acontece com o laboratório citado anteriormente. Outro obstáculo em relação a esta prática inovadora relaciona-se à estrutura física da escola, que está desprovida de sala apropriada para o funcionamento destes recursos.

Outro agravante da situação é a indisponibilidade dos educadores que também lecionam em outras escolas, alguns cumprem até três expedientes por questão de sobrevivência, não lhes sobrando tempo para se dedicar mais a sua prática pedagógica.

Inúmeras são as razões destes problemas, porém a remuneração do educador é a que mais pesa no quadro atual. Se o professor fosse melhor remunerado não precisaria se dividir entre duas, três escolas e lhe sobraria tempo para melhor preparar suas aulas, efetivando-se um melhor rendimento no exercício de suas atividades.

De acordo com as respostas dos professores nos questionários percebe-se que a preocupação maior quanto ao processo ensino-aprendizagem ainda encontra-se fortemente ligado ao teor de absorção dos conteúdos. Não existe contextualização dos fatos, foge-se à preocupação em questionar o livro didático, etc.

Concordo com Chico Alencar quando diz que educar está muito além de transmitir conteúdos. Partindo deste pressuposto cabe ao educador estar fazendo uma auto-reflexão quanto ao seu papel, quanto ao desempenho de suas atividades.

Os alunos e o uso das linguagens e recursos didáticos em sala de aula

A pesquisa realizada com alunos do 3º ano do ensino médio girou também em torno do tema apresentado pelos professores anteriormente.

Elaborei para eles um questionário com seis questões com a intenção de obter respostas sobre o uso que os professores fazem dos recursos didáticos e linguagens nas suas aulas.

Numa visão geral, pude observar, conforme as respostas fornecidas, que o processo ensino-aprendizagem desta escola deixa muito a desejar, pois estamos trabalhando com alunos do 3º ano do ensino médio, alunos estes que já alcançaram um certo patamar formacional. Diante destas circunstâncias resta-nos, como educadores que somos, inquirir: onde está a falha?

Todos os alunos que responderam ao questionário, tanto os da cidade quanto os da zona rural, demonstraram o desejo de assistirem a aulas mais atrativas, relatando, inclusive, as vantagens em se trabalhar os recursos didáticos e linguagens em sala de aula, dentre os quais destacam-se: dinamismo às aulas, o despertar do interesse dos educandos pelo estudo, ou seja, incentivo à motivação dos mesmos, e, por último, integrar a realidade de cada um com os temas abordados, isto é, oportunizar o fluxo relacional da educação com a realidade pessoal, o que implica em trazer à escola a experiência vivida pelo aluno no seu dia-a-dia, vinculando-a a escola como agente participativo do processo de formação.

Comparando as propostas do sistema educacional com as respostas dos professores e alunos, vê-se ainda uma grande brecha, um grande distanciamento do que se deve fazer e do que é possível ser feito frente às necessidades e às limitações que há na escola, na disponibilidade e preparo dos professores e no olhar do aluno frente a estas questões.

Percebe-se, então, que é pouca a utilização que os professores fazem em suas aulas dos recursos didáticos; pelas respostas dos alunos, há neles a sede de inovar as aulas, de fazer uma correlação do que é vivenciado na escola com o mundo exterior a esta, o que é de suma importância para o aluno.

São para este prisma que se voltam as propostas dos PCNS, bem como os relatos de vários estudiosos ligados ao setor educacional como Circe Bittencourt, Ilma Passos, Ruy Santos, Neidson Rodrigues, J. Carlos Libâneo, entre outros. Todos ressaltam que a escola não pode fugir deste novo contexto em que ela e o educador vivem, com este mundo tecnológico que se faz presente no nosso dia-a-dia.

Assim, se a escola ministra um ensino que não se relaciona diretamente com e para o uso fora da escola pelo aluno trará a este a desmotivação, o desinteresse, vendo o ensino como desprovido de maiores significados. Por isso comenta a Revista Suplemento de informática, 1997: “Se a escola não se ligar, se desqualificará”.

É preciso que se considere os devidos critérios para a utilização destes novos recursos didáticos e linguagens em sala de aula para que estas se tornem realmente significativas para o processo ensino-aprendizagem. O professor, segundo J. Carlos Libâneo, deverá vincular a sua prática educativa aos processos comunicativos, desde que ele seja preparado pedagogicamente para isto, encaminhando o trabalho com os alunos por vias que despertem neles as atitudes réticas frente a esta produção social da comunicação e até mesmo desenvolver nos alunos competências e habilidades para interagir com este mundo cada vez mais informatizado.

Torna-se importante diante deste contexto citar E. Saliba, segundo o qual, o conhecer não deve ser reduzido ao ver, seja através da TV, do filme, da fotografia, do computador, mas que se questione, reflita, analise o que se está vendo, levando o aluno a um maior amadurecimento frente ao mundo que o cerca.

Reconhecendo nas respostas dadas pelos professores sobre as várias dificuldades que enfrentam para que se torne viável o uso dos recursos didáticos e linguagens nas aulas por eles ministradas, é compreensível que exista uma grande lacuna originada pelo anseio dos educandos ao sentirem a extrema necessidade de que os educadores apresentem suas aulas de forma diferente, fugindo às regras impostas pelo tradicionalismo.

Se as aulas em sua maioria pautam-se nesse modelo, o educando sente uma involução do sistema educacional, que não lhe oferece meios de desenvolver suas habilidades e potências. Observando-se sobre este prisma, o educando posiciona-se como objeto dentro de um processo que, em vez de envolvê-lo através da ação interacional, outorga-lhe apenas a passividade.

Outro ponto de discussão percebido na pesquisa, é a mudança na ação dos educadores ao transmitirem seus conteúdos, pois segundo demonstraram, sentem a necessidade de interação dos mesmos com o mundo que o cerca, com o seu dia-a-dia. Esta proposta se coaduna com o que relata Carlos Libâneo sobre o que escreveu o psicólogo da educação David Ausubel, que a aprendizagem isolada do mundo que o aluno conhece e nele vive torna-se improdutiva, contribuindo até mesmo para o fracasso escolar, reflexo de uma metodologia ultrapassada para os novos tempos em que vivemos. Tal metodologia torna-se assim insuportável, incapaz de fomentar a salutar formação do indivíduo.

Contra este tipo de ensino, os educandos, em suas respostas, indicam alternativas como: aulas de campo, teatro em sala de aula, o uso de laboratório, excursões, etc. São medidas simples que, postas em prática, auxiliariam a curar parte da mazela da qual se sentem vítimas. Percebe-se que eles têm sede de saber, de conhecer, de aprender coisas de uma outra realidade aplicáveis à sua vivência, objetivando, através da própria ação, transformá-la. É muito importante para os educadores que se cultive e se explore isto, pois será um dos meios ou talvez o principal meio de incentivar os alunos a gostarem mais de estudar, de perceber a contribuição do ensino escolar para sua vida.

Ao enfatizar experiências que surtiram o efeito desejado em escolas de outras regiões ou localidades, deve-se ter consciência de que cada uma delas apresenta uma realidade peculiar, como também a escola na qual foi realizada esta pesquisa tem suas peculiaridades, portanto, deduz-se que o que é aplicável como saída para os problemas de umas, pode não funcionar como solução para outras. Serve assim, como ponto de partida para que, por estes exemplos, criem-se metas de melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Confesso, com a experiência que tenho, que o uso de alguns recursos didáticos e linguagens na nossa prática como docente é de grande importância, diversifica as aulas sim, mas não é tudo, até porque o seu uso constante com o tempo vai caindo também na rotina.

É por isso que tanto os PCNS como os educadores chamam a atenção para que se estabeleçam critérios para o bom funcionamento desta prática pedagógica em sala de aula.

Levando em consideração as respostas dos alunos, precisa-se buscar alternativas que suplantem estas lacunas que impossibilitam os mesmos de se sentirem sujeitos mais ativos e participativos, interagindo com o mundo da escola e o mundo exterior a esta. Sobre estas questões a escola em que trabalho precisa se debruçar em busca da melhoria do processo ensino-aprendizagem daquele corpo que junto com os professores a forma, que é o aluno.

É o aluno que vai ser no futuro um profissional que levará pela vida afora, tanto no campo pessoal como profissional, o conhecimento adquirido na escola, que lhe servirá de lanterna a iluminar os passos na construção de uma vida promissora e de um mundo melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, percebo que o sistema educacional tem alcançado largos vãos em direção à melhoria do processo ensino-aprendizagem, uma vez que o mundo contemporâneo no qual vivemos imbuídos de tecnologias avançadas suscita que sejamos partícipes desta nova era informatizada.

Como o processo ensino-aprendizagem não é estático, está sempre em transformação, observamos que há décadas educadores e demais teóricos ligados à educação têm se dedicado a pesquisas nas escolas com professores e alunos; observam-se experiências das mais inovadoras no tocante à melhoria do ensino e, concomitantemente, da preparação do educando para a vida.

Diante destas experiências vemos que a educação só teve melhorias, tendo-se um ensino de melhor qualidade, uma vez que o mundo torna-se cada vez mais globalizado e os meios de comunicação são pivores das acelerações e transformações que permeiam tudo o que nos rodeia; a nossa casa, o nosso trabalho, a escola, etc.

Não podendo se furtar a este novo contexto, o sistema educacional tem buscado criar condições propícias a um ensino concatenado com o mundo que o cerca. Assim, surgem os PCNS, a LDB, revistas produzidas pelo Mec, entre outras que buscam mostrar diferentes caminhos para o ingresso nesta nova era. Como bem dizem os PCNS, a escola tem que acompanhar os passos da modernidade.

Esta modernidade nos traz os mais variados recursos tecnológicos como a TV, o vídeo, o computador, o aparelho de som, a fotográfica entre outros que se fazem presentes no aconchego do nosso lar e fora dele, como por exemplo, na escola. São recursos didáticos e linguagens que certamente transformam a prática pedagógica na escola.

Como esta modernidade não se faz igual para todos, percebem-se as mais variadas dificuldades em se adotar na escola estas novas práticas pedagógicas, uma vez que nem todas as escolas dispõem destes recursos, nem de profissionais habilitados para operacionalizá-los.

É por isso que nas mais variadas regiões do país tem havido cursos de aperfeiçoamento do educador para inovar sua prática em sala de aula. Mas para além desta preocupação, os PCNS e outros debates teóricos apontam para os

devidos cuidados que se deve ter, critérios que devem ser estabelecidos pelo professor para que as aulas ganhem efeito produtivo e significativo para o educando em sua formação pessoa e intelectual.

Vale salientar que enquanto o ensino for pensado apenas com a preocupação de preparar o aluno de forma teórico-científica, as aulas não só de história, como também das outras disciplinas continuarão cansativas, permanecendo sem sentido à falta de uma ligação com a realidade do aluno.

Levando em conta este novo contexto que a escola vive e as propostas de inovação das aulas frente aos mais variados recursos didáticos e linguagens, realizei uma pesquisa na escola em que trabalho, procurando saber como os professores e os alunos vêem o uso destes novos mecanismos na sala de aula.

Apesar das dificuldades em se adotar alguns destes recursos na escola por não estarem de todo disponíveis ou por outras questões, como a falta de espaço para tais recursos, a falta de profissionais habilitados para o uso destes, entre outros, professores e alunos afirmam a importância de se trabalhar as aulas com estes mecanismos, levando o aluno a uma maior interação com os meios de comunicação e o conteúdo visto na escola. Ainda há um distanciamento de alguns professores da escola presidente João Pessoa com o uso destes novos recursos didáticos, pelas dificuldades várias já anteriormente citadas, como problema de espaço na escola, os recursos lá disponíveis são poucos, a falta de tempo de alguns professores, por ensinar em mais de uma escola os três expedientes, etc.

Esta situação nos faz perceber que as soluções para estes entraves não são imediatas. Constatando-se também que estes problemas são oriundos de uma política pedagógica inadequada às ações exigidas pelo processo educacional vigente.

Assim, haverá possibilidade de reverter este quadro quando forem rompidos os elos que ainda estão a impossibilitar que se faça na prática uma política educacional abrangente, permitindo uma ação pedagógica de possibilidades de ação do corpo docente que resultará em benefício para o ensino e para a aprendizagem.

Através da pesquisa os alunos demonstraram que ainda há uma estreita relação com os métodos tradicionais de dar aula, o que contribuiu para tornar o ensino mecânico e estático. Sabe-se que um ensino sem maiores questionamentos

distancia cada vez mais o aluno dos estudos, pois o mesmo não vê nestes um sentido maior, razão pela qual não consegue perceber sua utilidade para a vida.

Estas preocupações com a melhoria do ensino pautam-se nas mais variadas instâncias do sistema educacional. Os PCNS conclamam com as propostas de ensino que acompanhem os passos da modernidade, que a escola faça uso dos recursos tecnológicos interagindo com o cotidiano dos alunos, e trabalhe junto a estes recursos modernos, questões de grande relevância para a vida do aluno como questões éticas, morais, valores importantes na construção de um indivíduo melhor, só que as possibilidades para tal conquista ainda não estão ao alcance de todas as escolas do país, há vários entraves como já foi citado.

Apesar dos entraves creio que se pode encontrar alternativas para que as aulas se tornem mais produtivas para o aluno. Alguns professores da escola dão exemplo disto, quando improvisam materiais feitos com sucatas, quando levam alguns jogos e improvisam algumas dramatizações.

Estas alternativas são postas em prática nas mais variadas escolas do país; as revistas Nova Escola, os jornais do MEC e os próprios PCNS trazem-nos depoimentos destas práticas na sala de aula com resultados satisfatórios. Demonstram os depoimentos tanto dos professores quanto dos alunos que as aulas se tornam enriquecidas, levando o aluno a se interessar pelos conteúdos vistos, a dar idéias, a participar melhor das aulas ministradas pelo professor.

É por isso que Circe Bttencourt comenta que para se inovar as aulas, não é necessário negar o livro didático, mas saber utilizá-lo dando vida aos conteúdos, interagindo com a vida do aluno fora das paredes da sala de aula; Philippe Perrenaud e J. Carlos Libâneo também reforçam esta idéia.

O que falta ao aluno é justamente a ausência de uma prática docente engajada, papel este tributado ao educador em qualquer lugar onde se encontre. Para isso, é necessário que os professores além de serem mais criteriosos, sintam prazer pelo ato de lecionar. É importante, e tanto a nova LDB como os PCNS frisam que a elaboração do plano de aula do professor vai de encontro a sua prática pedagógica em sala de aula e que a vivência do aluno seja levada em consideração neste intercâmbio escola e vida, para que assim o aluno seja capaz de questionar, discutir, criticar algo que ele já tenha vivenciado ou se inteirado de uma maneira ou de outra das questões em debate, tornando as aulas mais significativas para a vida

do aluno. Sobre este aspecto a nova LDB conclama que a escola deve elaborar a sua própria proposta pedagógica, colocando as necessidades da escola e do aluno.

Deste modo, o aluno perceberá com bons olhos o estudar, reconhecendo a importância deste para a sua vida. Criará gosto pelos estudos e pelas aulas de História, não sendo difícil mostrar aos alunos que a disciplina História não é chata como parece.

A disciplina História é ampla, ela nos dá possibilidades várias de se trabalhar com a interdisciplinaridade, com vários recursos didáticos além da tradicional dupla quadro de giz – livro didático.

Estas possibilidades várias de se trabalhar as disciplinas e, em particular, História, foram compreendidas por mim a partir do momento em que passei a cursar História na UFPB (hoje UFCG).

Foi uma rica experiência para mim. Minhas aulas antes monótonas, obedecendo a um estilo estritamente tradicional, ganharam uma nova face.

Comecei a utilizar nas minhas aulas vários recursos didáticos como a música, a poesia, diferentes fontes de informação como jornais, revistas, fotografias, etc, fazendo com que as aulas se tornassem mais dinâmicas. Percebi que os alunos se engajavam em grupos, sentiam-se mais desprendidos para falar, comentar, se posicionar a favor ou contra as questões que se colocavam em debate.

É interessante que eles mesmos aproveitando os conteúdos que estavam sendo vistos na sala de aula, faziam a ponte com o seu cotidiano. Estes são para mim pontos positivos, pois é este o papel que a escola deve exercer, engajando-se com o ambiente sócio-cultural do aluno como bem já frisou Ilma Passos, como também David Ausubel, os próprios PCNS, etc.

Mas como em toda regra há exceção, há também, de acordo com a experiência que tenho, pontos negativos quanto ao uso destes recursos didáticos e linguagem em sala de aula. Um deles é que aqueles alunos mais tímidos se inibem de participar ativamente, principalmente quando se pretende trabalhar com dramatizações e com a música.

Assim, temos que encaixar a participação do aluno num papel que se coadune com o seu jeito de ser, para que aos poucos ele vá se desprendendo da timidez. Será errado o professor forçar o aluno ou puni-lo com notas baixas. Ainda falando do trabalho com música que foi a minha experiência, os alunos que são evangélicos se recusam a cantar. Só cantam se for louvores a Jesus.

Para contornar esta situação eu distribuía letras de músicas variadas para os alunos; pedia a eles sugestões e de acordo com a sua vontade procurava atender aos mais variados gostos.

Outro cuidado que se deve ter como já frisaram educadores como Ruy Santos, Carlos Libâneo, Perrenoud, as revistas do Mec, é com os critérios que devem ser estabelecidos para que o uso destes recursos não acabe caindo na mesmice, ou levando o aluno a não perceber a sua importância como portadores de maiores significados para além do entretenimento.

Precisamos não perder as esperanças e continuarmos lutando por uma melhoria no ensino. Os professores de História precisam cada vez mais estar esperançosos e conscientes para conquistarem seu desejo de formar cidadãos críticos e conscientes para atuarem na sociedade.

Para que tudo isto aconteça faz-se necessário que haja um maior aprofundamento teórico-metodológico dos professores, que eles estejam sempre se reciclando, se inteirando com as possibilidades novas que o dia-a-dia lhes apresenta. São importantes os aperfeiçoamentos, os treinamentos oferecidos para que suas aulas se tornem mais proveitosas, mas é preciso que não se utilize os recursos didáticos e as novas linguagens na sala de aula apenas como modismo, por trabalhar o novo, o diferente, mas refletir sobre o uso de tais metodologias em busca de levar o aluno a uma aprendizagem não apenas teórica e técnica, mas torná-lo um indivíduo de pés no chão e olhos abertos para a vida, para compreender e se posicionar frente a todos os acontecimentos que se façam presentes na sua vida escolar, profissional e particular.

Atentando para estas questões é que o professor para além da preocupação de poder inovar suas aulas com o uso dos vários recursos de linguagem, saindo da mesmice, poderá despertar no aluno o gosto pelos estudos e pela disciplina História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOUR, Circe (org.). "Livros didáticos entre textos e imagens", In: O saber histórico em sala de aula. 6ª edição, São Paulo, 2002.

BRASIL, Brasil; Revista Brasileira de História. In: Livros didáticos e cinema, novas dimensões de circulação do tema e de sua iconografia. In: História e música: canção popular e conhecimento histórico.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC / SEF, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos: Adeus professor, Adeus professora. In: Didática – 5ª ed. São Paulo, Editora Cortez, 2001. (Coleção questões de nossa época).

MORAN, José Manuel: O vídeo na sala de aula. S/ referência.

PERRENOLID, Philippe. "Competências fundamentadas em uma cultura tecnológica, In: competência para ensinar. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. Artes Médicas, Sul, 2001.

Quem canta educa? Jornal do MEC, Celina Alonso, Azda. ACS / MEC.

Revista Nova Escola: "Educação física, português e música", fevereiro, 1998.

Revista Nova Escola: História e os PCNS – 5ª a 8ª séries. Maio – 1999.

Revista Nova Escola: "Música acelera aprendizado", 1997.

Revista Nova Escola: O saber em fatos, março, 1996.

RODRIGUES, Neidson. Por uma nova escola. O transitório e o permanente na educação. São Paulo, Ed. Vozes, 1997.

SALIBA, Elias Tomé: "Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo de imagens", In: O saber histórico em sala de aula, 6ª edição, São Paulo, 2002.

SANTOS, Ruy: Ensino, sua técnica, sua arte. Rio de Janeiro, Ed. Lidada, 1967, 3ª edição.

Secretaria da Educação e Cultura. 'Um olhar sobre a escola", In: Salto para o futuro. Secretaria de educação a distância, Brasília, MEC, Secol, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Almeastro. A proposta pedagógica da escola e a nova LDB. In: Salto para o futuro, Brasília, MEC, Secol, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *Murilo de Aguiar Barbosa*
- 2- Série e turma que cursa: *3ªA*
- 3- Idade: *16*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?
sim. Porque ensina a nos comunicarmos com as pessoas em volta e ajuda a procurar uma profissão
- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar?
vontade de estudar
- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
Eu gosto de Matemática e Física e as que eu não gosto é Português e História. Porque Matemática e Física não ficam tantas dívidas quanto as matérias de Português e História.
- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
não
- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?
- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Talvez se não usassem somente os livros dado pela escola mais sim outros tipos de livros ou revistas e que os exercícios não fossem tão complexos, mais parecidos com os das provas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *Leonardo Barbosa Duarte*
- 2- Série e turma que cursa: *3º A.*
- 3- Idade: *17 anos*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?
Não, porque eu prefero estar passeando com meus amigos e ir para festas. Estudar é muito cansativo.
- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? *Nem é por obrigação de meus pais e nem por vontade própria, eu venho à escola pra descontrair e conversar com meus colegas, paquerar.*
- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
Matemática e Física. O restante, porque eu não consigo entender bem, tornando-se assim, difíceis.
- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
Não.
- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?
- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Eu gostaria que as aulas fossem mais divertidas e menos chatas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome:
- 2- Série e turma que cursa:
- 3- Idade:
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?

- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar?

- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?

- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?

- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?

- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?

Solanelly da Cruz Aguiar

- 3ª Série A do ensino médio
- 16 anos

Sim, porque através do estudo você pode optar por uma vida com mais qualidade.

- Tenho motivada a estudar.

- Inglês, História e Geografia são as que mais gosto.

Matemática e Biologia, porque são muito complexas.

não utiliza nenhum material.

- Eu queria que utilizasse vídeos.

- Se a aula fosse mais dinâmica poderia envolver o aluno muito mais. utilização de Teatro na sala tornaria mais agradável.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *Edna Alves da Silva*
- 2- Série e turma que cursa: *3º Ano (Médio)*
- 3- Idade: *17 Anos*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê? *Sim. Pois é como estudo e com os conhecimentos adquiridos que eu descubro um novo mundo.*
- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? *Por que me sinto motivada e necessidade de estudo*
- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
Inglês, Biologia. Matemática, Física e Química. Devido a complicação com os cálculos.
- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
Não.
- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?
- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Sim. Utilização de materiais que nos despertem interesse. (com relação ao estudo.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 085: * *
- 1- Nome: Daniela Gomes
 - 2- Série e turma que cursa: 3ª série
 - 3- Idade: 19 anos
 - 4- Você gosta de estudar? Porquê?

Sim, pois quando entramos na escola não sabemos de nada, mais a vontade a ler, escrever, pintar e ter educação e um dia ou passarmos para outros eu então seguir outra profissão.

- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? Vou sempre a escola e cada vez que falto é como se perdesse uma semana e assim acho que meus pais não me obrigam, mais aconselham e tenho realmente prazer de estudar e ter bons resultados.

- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?

De todas eu gosto um pouco mais há umas que gosto mais como matemática, física, química e história, pois os professores explicam muito bem e isso ajuda o aluno, mas língua estrangeira não entendo.

- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?

Além do globo que deveria ser usado mais, não há outro material que os professores usam.

- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?

A professora usa o globo mas nem sempre e é bom acho que todos gostam pois ficam atentos a aula e cabidos então dessa aula conseguem sair com a mente completa.

- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?

Um bom professor bem ativo, bastante animado que faça todos rirem e se expressarem na sala na hora da explicação isso é necessário, mas quando falo desse professor não digo que ele tem que ser ruidoso e nem ter que pegar no pé dos alunos não pois também é preciso dar aspas. Assim acredito que haverá um bom aprendizado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *Diego Rimantas Aires*
- 2- Série e turma que cursa: *3º A*
- 3- Idade: *18*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?

- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar?

- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?

- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?

- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?

- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?

4- Sim. Porque é um estudo que está
 mesma maternidade, mesma educação, mas
 antes de tudo está uma grande parte
 da nossa vida, da alegria que nos
 dá, que são os momentos mais preciosos,
 que um dia nós vamos alcançar o que
 mais sempre desejamos como eu penso
 no meu ponto de vista, da a mulher
 vida que meus pais mereça, e para isso
 eu dependo que eu me esforço que
 seja um bom aluno na escola de
 onde eu estudo com os meus pais.

nao. eu quero a escola por que lá
 está minha outra parte da vida e
 o meu futuro no vivo com meu
 corpo completo, acima de tudo o que
 mais me importa a estudar é a
 vida que meus pais dão, com o
 apoio de toda minha família

todos. Porque um dia eu vou pre-
 cisar de um pouco de todas matérias
 para que eu possa encontrar a minha
 profissão.

Sim

A preparação de Inglês para o Sim

para mim tem facilidade de aprender
com música Inglês, cantos americanos
cumpramos a aula etc..

que os "alunos" me sentaram a mesa
fazendo sua parte de aluno

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *Fabio Moura Duarte.*
- 2- Série e turma que cursa: *3º Ano (do Ensino Médio)*
- 3- Idade: *18 Anos*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?

Sim. Porque cada vez que eu estudo, eu aprendo mais.

- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? *Porque eu me sinto motivado a estudar e pela motivação de meus pais.*

- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?

Português, Geografia e Biologia. Matemática, Física e Química.

Das primeiras, eu gosto porque fazem parte do meu cotidiano e me auxiliam, das outras não gosto porque são complicadas e eu me enrolo um pouco.

- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?

Não.

- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?

- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?

Sim. O surgimento de novos materiais que despertem mais interesse em estudar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *Diogo da Oliveira*
- 2- Série e turma que cursa: *3º*
- 3- Idade: *16 anos*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?
Sim. porque quanto mais eu estudo descobro novos horizontes.
- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar?
Porque me sinto motivado;
- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
*Biologia, História, Geografia, Inglês.
Física, Química e Matemática por que requer muito estudo.*
- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
Não
- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?
- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Não. As aulas são agradáveis.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 085: **
- 1- Nome: José Antonio de Melo Júnior
 - 2- Série e turma que cursa: 3º científico T-A
 - 3- Idade: 17 Anos
 - 4- Você gosta de estudar? Porquê? Sim. Porque tenho consciência da importância do conhecimento no nosso cotidiano.
 - 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? Frequento a escola de livre e espontânea vontade, muito embora meus pais também me incentivem.
 - 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
A matéria que mais gosto é Português, apesar de difícil, mas o professor diz e isso me faz gostar da matéria. As que menos gosto são as exatas, acho muito complicado.
 - 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
Além dos citados apenas textos.
 - 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?
Eu gostaria muito que se utilizasse mais o laboratório, pois temos na escola, mas nunca é usado, por que não sei!
 - 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Que a escola possuísse mais recursos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 055: **
- 1- Nome: *Kleonara Ferreira da Rocha*
 - 2- Série e turma que cursa: *3º Ano*
 - 3- Idade: *16 anos*
 - 4- Você gosta de estudar? Porquê?
Sim, porque o estudo é essencial para um futuro melhor.
 - 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? *Por vontade própria, com vontade mesmo de estudar.*
 - 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
Geografia e Português. As que envolvem cálculos, porque na maioria das vezes são muito difíceis.
 - 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
Sim
 - 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?
Globo terrestre, mapas, textos, etc. Porque é através desses instrumentos que conhecemos, geograficamente, o mundo. Eles são muito importantes.
 - 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Que as aulas tornassem-se mais interessantes onde todos colaborassem e participassem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 055: *
- 1- Nome: *Danielle Aguiar Barbosa*
 - 2- Série e turma que cursa: *3º ano*
 - 3- Idade: *17 anos*
 - 4- Você gosta de estudar? Por quê?

Sim, porque o estudo é muito importante para nossas vidas

- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar?

Eu vou a escola porque me sinto motivada, com vontade de aprender cada vez mais.

- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?

Eu gosto de várias matérias, mas a que eu mais gosto é história, porque fala muito do passado.

- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?

nao.

- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?

- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?

Gostaria que tivesse professores que ensinarem de forma diferente, para que os alunos tivessem mais vontade de aprender.

OBS: * *

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (ALUNO(A))

- 1- Nome: *marcela cecília cabral de albuquerque.*
- 2- Série e turma que cursa: *3º A*
- 3- Idade: *16 anos*
- 4- Você gosta de estudar? Porquê?
Gosto. Porque é através dele, que agente adquire conhecimento e experiência dentro da área estudada.
- 5- Você vem à escola porque seus pais obrigam ou por que se sente motivado, com vontade mesmo de estudar? *Por que me sinto motivada e com vontade de estudar.*
- 6- Quais as matérias que você mais gosta? E quais as que não gosta de estudar? Por quê?
Eu gosto de matemática, biologia, física, química e inglês. Não gosto de português, literatura. Eu não gosto destas porque são mais complicadas.
- 7- Seu professor além do quadro, do giz e do livro, utiliza outro material didático em sala de aula?
As vezes. Mas é muito difícil.
- 8- Se usa, quais são e quais os que você mais gosta que o professor utilize nas aulas? Por quê?

_____ X _____

- 9- Tem alguma sugestão que você gostaria de dar para que as aulas se tornassem mais agradáveis?
Se os professores desenvolvessem outros meios de transmitir o assunto, trazendo a nossa realidade para a sala de aula e buscando explorar mais em pesquisas, seminários e aulas de campo. Assim as aulas seriam mais agradáveis e mais proveitosas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

- 1- Nome: *Luciana Marques de Souza.*
- 2- Disciplina e série que ensina. *Biologia e química.*
- 3- Você acha importante o uso dos vários recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?
Resposta no verso da folha.
- 4- Você costuma utilizá-los? Por quê? *nem sempre, pois na escola não tem esses recursos completos.*
- 5- Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.
A televisão e o vídeo quando trazem para a escola.
- 6- Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?
melhor aprendizagem para o aluno.
- 7- Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?
Espaço pequeno, para grande número de alunos e boa aprendizagem para aqueles que prestarem atenção.
- 8- À sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?
não, porque na minha época não existiam tais recursos.
- 9- A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?
possue além do livro didático e quadro de giz, uma pequena televisão e um vídeo e um laboratório.
- 10- Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento dos alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?
sim, a participação ^{do aluno} é melhor e criativa e a aprendizagem também.
- 11- Que séries você acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?
Todas do ensino médio.
- 12- O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistos, por exemplo, nos PCNs?
Boas, pois facilita a aprendizagem do aluno.

3. Sim, porque facilita a aprendizagem do aluno.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

1-Nome: *Irênio Cardoso da Silva*

2-Disciplina e série que ensina. *Matemática, 5^a ao 3^o ano*

3-Você acha importante o uso dos recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?

Sim, porque o aluno tem oportunidade de desenvolver algumas habilidades e o educador dispõe de outros materiais pedagógicos.

4-Você costuma utilizá-lo? Por quê?

Sempre que possível, porque dinamiza a aprendizagem.

5-Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.

Jogos matemáticos, desafios, Tangram, jogos com palitos.

6-Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?

Desenvolver a capacidade, agilidade e raciocínio de cada um dos educandos.

7-Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?

A aula fica mais divertida, menos cansativa e mais interessante.

8-A sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?

Não, durante meu curso de formação praticamente não se trabalhou com tais recursos e na minha escola existem poucos e funcionam precariamente.

9-A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?

Como já foi dito no item anterior, existem de maneira precária, mas procuramos confeccionar outros, junto com o alumnado.

10-Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?

Sim, percebemos que o envolvimento, a participação e o interesse por parte da turma, aumenta consideravelmente.

11-Que séries acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?

Como sou educador do Ensino Fundamental e Médio acho interessante aplicá-los na 5ª e 6ª séries porque os alunos estão iniciando uma nova fase de sua vida acadêmica.

12-O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs?

Acho muito positivo, mas os efeitos no campo educacional só são percebidos a longo prazo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

1- Nome: *Maria Aparecida de Aguiar Barbosa.*

2- Disciplina e série que ensina.

história de 5ª a 8ª série e 10 médio

3- Você acha importante o uso dos vários recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?

*Sim, pois para as aulas se tornarem mais inte-
ressantes e necessário diversifica-las.*

4- Você costuma utilizá-los? Por quê?

*Não. A escola em que leciono dispõe de alguns
recursos didáticos além de quadro, giz e livros, mas
o acesso a eles é difícil.*

5- Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.

Gostaria de utilizá-los.

6- Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?

Gostaria de utilizá-los.

7- Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?

Gostaria de utilizá-los.

8- À sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?

*Sim. Porque há uma grande necessidade
de acompanhar o ritmo das informações
que nesse momento recebe e assim aprender
junto com eles.*

9- A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?

Resposta no item quatro.

10- Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento dos alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?

*Sim, os recursos didáticos menos usa-
dos tornam as aulas mais atraentes.*

11- Que séries você acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?

*Acredito que em todas as séries seja
de boa recepção a utilização de diferentes recursos.*

12- O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs?

*Necessárias para formar os cidadãos
desses novos tempos, mas é pouco estudado
e por isso não é colocado em prática.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

- 035:*
- 1- Nome: JURANDIR HENRIQUE DA SILVA
 - 2- Disciplina e série que ensina. FÍSICA → 1º e 2º ANO e 3º ANO.
QUÍMICA → 3º ANO
 - 3- Você acha importante o uso dos vários recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?
SIM, MOSTRA AOS ALUNOS DIFERENTES MANEIRAS DE
 - 4- Você costuma utilizá-los? Por quê? AVALIAÇÃO.
NÃO
 - 5- Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.
NÃO
 - 6- Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?
 - 7- Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?
 - 8- A sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?
NÃO
 - 9- A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?
NÃO, SÓ DISPÕE DO LIVRO DIDÁTICO, QUADRO E GIZ.
 - 10- Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento dos alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?
SÓ TRABALHO COM QUADRO, GIZ e o LIVRO DIDÁTICO E PROCURO FAZER COM QUE ELES APRENHAM.
 - 11- Que séries você acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?
3º ANO POIS É UMA PREPARAÇÃO PARA CONCORRERAO VESTIBULAR.
 - 12- O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistos, por exemplo, nos PCNs?
BOM, PORÉM PRECISA SER MAIS ESCLARECIDO NAS ESCOLAS, ATRAVÉS DE UM INSTRUTOR CAPACITADO (TREINAMENTO).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

1- Nome: José Nivaldo de Araújo

2- Disciplina e série que ensina: Língua Portuguesa - 6ª série e 2º ano do ensino médio

3- Você acha importante o uso dos vários recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?

A utilização de vários recursos é de fundamental importância, pois a memorização aparece como entalhe tanto quem ensina como quem se propõe a aprender.

4- Você costuma utilizá-los? Por quê?

Não utilizo, pois a escola não dispõe de nenhum, além do que o professor pode improvisar com sucata.

5- Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.

- Prejudicados!

6- Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?

- Prejudicados!

7- Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?

- Prejudicados!

8- A sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?

Sim. No curso de graduação, vimos como utilizar vídeo, CD, cartazes, etc.

9- A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?

Só dispõe do livro, quadro e giz. O mais, só improvisado.

10- Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento dos alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?

Na utilização de qualquer outro recurso diferente do livro, quadro e giz, a participação do aluno é bem melhor e a aula parece mais interessante.

11- Que séries você acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?

Dependendo da forma como se vai utilizar qualquer recurso, ele pode ser introduzido em qualquer série e em qualquer nível escolar.

12- O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs?

"Tudo se transforma." A humanidade é dinâmica, a ciência hu-

mana é dinâmica. Não pode ser a forma de transmissão das ciências humanas de forma única. É repetitivo cansa. A inovação incentiva. A busca pelo novo torna qualquer aprendizagem curiosa. As propostas são, portanto, interessantes. Salta no entanto, implanta.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

1-Nome: Josefa Monteiro da Silva Florêncio.

2-Disciplina e série que ensina. Geografia 1º 2º e 3º ANO de Estudo Gerais.

3-Você acha importante ouso dos recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?

Sim. Porque os recursos didáticos nos ajudam a esclarecer melhor os conteúdos. E a linguagem como sendo um veículo transmissor de conhecimentos vem nos enriquecer cada vez mais.

4-Você costuma utiliza-lo? Por quê?

Sim. Porque facilita a aprendizagem do alunado.

5-Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.

Globo terrestre, mapas Geográficos, vídeos, Cassete, Televisão, Livro didático, Quadro de giz, fazendo exploração, identificando dados geográficos.

6-Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?

Mostrar para o aluno a importância do conteúdo em estudo.

7-Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?

Pontos positivos. É que o aluno aprende com mais clareza os conteúdos.

8-A sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?

Na minha formação Educacional, sinto-me preparada para trabalhar e/ os recursos didáticos, dos quais a escola dispõe.

9-A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?

Além do livro didático e do quadro de giz
Tem, Televisão - vídeo Cassete - laboratório - Globo terrestre -
Planisférios - mimeiógrafos -

10-Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?

SIM - A aula fica mais motivada.

11-Que séries acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?

1º, 2º e 3º ANO de Estudos Gerais - Porque os alunos se integram totalmente ao que está sendo vivenciado.

12-O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs?

É legal. Porque o sistema educacional, deve ser sempre reavaliado ou renovado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

1-Nome: TELMA MARIA DE SOUSA E SILVA

2-Disciplina e série que ensina. INGLÊS. DE 5ª a 3ª ANO.

3-Você acha importante o uso dos recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?

Sim. Os recursos didáticos e linguagens tornam as aulas mais dinâmicas e interessantes.

4-Você costuma utilizá-lo? Por quê?

Sim. Para que haja mais interação do grupo e facilite a aprendizagem.

5-Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.

Letras de músicas, jogos, vídeos, Jota K-7, textos da atualidade.
Ex.: Entrega ao aluno uma letra de uma música recortada em frases embaralhada. Pede que ele escute a música e vá colocando em ordem. Depois da música correta pede-se que todos cantem.
Por último trabalha-se todo o texto.

6-Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?

- Levar ao aluno a oportunidade de entretenimento e descontração, mas sempre trabalhando com vocabulário ou estruturas gramaticais.
- Atrair a atenção e o interesse do aluno para a aprendizagem da língua inglesa.

7-Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?

Os pontos positivos são:
- A participação de todos;
- A aula fica mais agradável e interessante;
- A aprendizagem é mais rápida.

8-A sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?

No início não. Agora já começamos a ser preparados para realizar este trabalho.

9-A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?

Não. Infelizmente dispomos de poucos recursos e em algumas séries nem o livro didático temos.

10-Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?

Sim. Quando trabalhamos com outros recursos o interesse é bem maior e o aprendizado também.

11-Que séries acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?

Em todas as séries.

12-O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs?

Muito boas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (PROFESSOR(A))

1-Nome: *Sivertônio José da Mota.*

2-Disciplina e série que ensina. *HISTÓRIA-FILOSOFIA-(1ª e 2ª séries do ensino médio).*

3-Você acha importante o uso dos recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Por quê?

sim. porque sem os recursos didáticos o professor não pode desenvolver o ensino.

4-Você costuma utiliza-lo? Por quê?

sim. porque faz com que o aluno seja mais motivado para o ensino e aprendizagem.

5-Se utiliza, quais são os recursos que mais lhe atraem e como você os utiliza? Dê exemplos.

*Recursos que me atraem: livro didático, gravuras, textos informativos.
Utilização: através de explicações, explicações e atividades dirigidas. Exs: jogos, dramatização e paródias.*

6-Ao trabalhar com estes recursos, que objetivos pretende alcançar?

contribuir na capacidade dos alunos, motivando sempre e mostrando que eles não precisam de memorizar, mas de compreender algo que os cerca.

7-Quais os pontos positivos e (ou) negativos quando você trabalha na escola com estes recursos?

Pontos positivos: os alunos ficam motivados, participando das aulas.

Pontos negativos: os alunos, as dificuldades são maiores, não há um bom aproveitamento.

8-A sua escola, ou mesmo a sua formação educacional lhe preparou para trabalhar com diferentes linguagens e recursos didáticos? Por quê?

não. porque os professores recebem um treinamento de nível capacitador.

9-A escola em que você trabalha dispõe de diferentes recursos para o(a) professor(a) usar em suas aulas ou só dispõe do livro didático, do quadro e do giz?

Sim. Temos bastante recursos didáticos para serem explorados em sala de aula.

10-Você percebe alguma diferença na participação e envolvimento alunos quando trabalha apenas com o quadro, o giz e o livro didático em relação a quando trabalha com outros recursos e linguagens?

Sim. Quando o aluno recebe informações através do quadro e giz, ele só está recebendo informações, ao contrário da aula onde o professor é apenas um observador, o aluno busca compreender sua aprendizagem.

11-Que séries acha ideal para introduzir novos recursos didáticos? Por quê?

Todas elas. Porque é importante para uma melhor aprendizagem.

12-O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs?

Bom. Para um apoio para o melhor desempenho do aluno.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – CH
QUESTIONÁRIO (DIRETORA)



- 1- Nome: Rosa de Lourdes Leal Alves
- 2- Cargo que ocupa: Diretora
- 3- A escola que você dirige dispõe de outros recursos didáticos para o professor trabalhar em sala de aula, além do quadro, do giz e do livro didático? Quais? Vídeo cassete, laboratório.
- 4- Como você vê o uso de diferentes recursos didáticos e linguagens na sala de aula? Aponte os pontos positivos e (ou) negativos. Pontos positivos: melhora a interdisciplinaridade, atualiza conteúdos, favorece a integração, verbalizações e a socialização entre aluno e professor bem como a motivação das aulas, etc.
- 5- Nesta escola os professores trabalham com estes recursos, ou não? Por quê? Trabalham mensalmente, fazem execuções, dramatizações, pesquisas, etc.
- 6- O sistema educacional prepara o professor para lidar com estas linguagens? Por quê? Precisa-se que a capacitação do professor seja significativa; deve-se incluir formação e treinamentos adequados para que ele possa utilizar na relação ensino-aprendizagem.
- 7- Você já atuou como professora? Teve alguma experiência com o uso destes recursos didáticos? Por quê? Sim. Não, pois a escola a qual trabalhava (João Pessoa) não oferecia recursos.
- 8- O que você acha das propostas de renovação do sistema educacional vistas, por exemplo, nos PCNs? Apesar de pouco difícil a implantação dos PCNs proporciona uma mudança que concilia experiências que fazem da escola uma aliada na construção da vida. E não passa meros conhecimentos tradicionais.

zarem seus próprios recursos criativos, muitas
vezes desperdiçados.